

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

CURSO DE PEDAGOGIA – LICENCIATURA

Lílian Carine Madureira Vieira da Silva

O Espelho de Ojesed:
Representações do Feminino na Obra Harry Potter

Porto Alegre

1. Semestre

2018

Lilian Carine Madureira Vieira da Silva

O Espelho de Ojesed:
Representações do Feminino na Obra Harry Potter

Porto Alegre

1. Semestre

2018

Para os mastigadores e devoradores
de livros. Investigadores inquietos
das palavras e da magia.

Agradecimentos

À minha família por me mostrar que o caminho dos estudos sempre vale a pena e pelo apoio total nas escolhas que tomo.

Ao Iury pelas conversas tão produtivas que me auxiliaram na construção deste Trabalho, conversas, colo, companhia e suporte incondicional de sempre.

Às queridas e especiais colegas Amanda e Marina (força nas coxinhas!) e Carol e Bruna, presentes do final de curso e tão importantes.

Aos grandes inspiradores para a minha jornada docente: professoras Cida Bergamaschi, Tânia Fortuna, Leda Maffioletti, Maria Cristina Bortolini, Claudia Freitas e professores Jorge Rosa e Sergio Lulkin. Especialmente à professora Gladis Kaercher, meu maior exemplo em comprometimento com a Literatura Infantojuvenil.

À banca deste Trabalho de Conclusão de Curso; professora Adriana Thoma – por enxergar meu potencial antes até que eu mesma o conseguisse; professora Emiliana Rosa (Emi, a destemida) – mulher que me inspira em meu jeito de ser mulher.

À querida orientadora professora Renata Sperrhake por ter aceito embarcar nesta aventura. Pelos ensinamentos, conselhos e risadas, pela acessibilidade e comprometimento impecáveis. Depois da tempestade vem o arco-íris e no final do arco-íris há o pote de ouro, nossa jornada se classifica assim. Obrigada!

“Eu sou uma garota perdida, uma aventureira,
uma domadora de dragões, uma ladra, uma sonhadora.
Eu sou uma leitora.” (autoria desconhecida).

Resumo

Este Trabalho de Conclusão de Curso pretende investigar e analisar as representações de gênero na obra Harry Potter a partir de quatro personagens femininas, sendo duas heroínas (Hermione Granger e Molly Weasley) e duas vilãs (Belatriz Lestrange e Dolores Umbridge). Para tanto, conta com os aportes teóricos-metodológicos do campo dos Estudos Culturais com ênfase aos estudos de gênero e de literatura, utilizando o conceito de representação. Sendo a Literatura Infantil e Juvenil importante meio de identificação e inspiração para leitores e leitoras, esta se torna valioso artefato cultural para discutir as problematizações de gênero e refletir sobre a urgência do protagonismo feminino nessa área. Assim, o trabalho divide-se em: parte introdutória, incluindo motivação e objetivos; apresentação dos conceitos teórico-metodológicos que dão suporte à pesquisa; análise sócio-histórica sobre a presença da figura da bruxa na Literatura Infantil e Juvenil; análise das personagens selecionadas; conclusão com considerações a respeito das representações femininas da obra em questão. Foi possível identificar características de exceção na obra analisada quanto às representações do feminino e relações de gênero na Literatura Infantojuvenil.

Palavras-chave: gênero, representação, bruxa, Harry Potter.

Abstract

This essay intends to investigate and analyze gender representation in the Harry Potter novels, especially regarding four female characters, two heroines (Hermione Granger and Molly Weasley) and two villains (Bellatrix Lestrange and Dolores Umbridge). To accomplish that, the paper brings theoretical and methodological approaches from the field of Cultural Studies, with special emphasis on gender and literature studies, from the perspective of the concept of representation. Considering the infantile and juvenile literature as an important instrument for identification and inspiration for the readers, it becomes a valuable cultural artifact to discuss gender problematization and to reflect about the urgency for female protagonists in this field. The paper is organized in the following way: introduction, including motivation and objectives; presentation of the theoretical and methodological concepts supporting the research; a socio-historical analysis concerning the figure of the witch and its presence in the infantile and juvenile literature; analysis of the selected characters; conclusion and considerations regarding the feminine representations in the books. Furthermore, some unique features relating to representations of the feminine and gender relations in the infant-juvenile literature could be identified in the novels.

Key-words: gender, representation, witch, Harry Potter.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Fleur Delacour.....	19
Figura 2: João e Maria	21
Figura 3: João e Maria	21
Figura 4: Bruxa Hildegarda	22
Figura 5: Bruxinha Atrapalhada	23
Figura 6: Bruxa do livro “Carona na Vassoura”.....	22
Figura 7: Hermione Granger	32
Figura 8: Família Weasley.....	37
Figura 9: Sra. Weasley.....	37
Figura 10: Belatriz Lestrange	42
Figura 11: Dolores Umbridge.....	46

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO – EMBARCANDO NO EXPRESSO HOGWARTS.....	10
2 MAPA DO MAROTO CAPÍTULO TEÓRICO-METODOLÓGICO.....	14
2.1 ESTUDOS CULTURAIS, EDUCAÇÃO E LITERATURA	14
2.2 REPRESENTAÇÃO NA LITERATURA	16
2.3 GÊNERO E LITERATURA	18
2.4 A FIGURA DA BRUXA NA LITERATURA INFANTIL E JUVENIL	20
2.5 OS PASSOS PARA CHEGAR À ANÁLISE	24
2.5.1 Chapéu Seletor - O material empírico da pesquisa.....	25
3 VERITASERUM: QUAIS REPRESENTAÇÕES DE FEMININO SÃO VEICULADAS PELAS PERSONAGENS DE HARRY POTTER?	28
3.1 AS HEROÍNAS	28
3.1.1 Hermione Granger	31
3.1.2 Molly Weasley	36
3.2 AS VILÃS	41
3.2.1 Belatriz Lestrange.....	42
3.2.2 Dolores Umbridge.....	45
4. O ESPEHO DE OJESÉD – QUE TIPO DE REPRESENTAÇÃO ANSIAMOS NA LITERATURA INFANTOJUVENIL?	51
REFERÊNCIAS	55

1 INTRODUÇÃO – EMBARCANDO NO EXPRESSO HOGWARTS¹

“E livro para gente grande. Você lê também?”

Abro esse Trabalho de Conclusão de Curso com a frase acima como uma forma de me apresentar. Leitora voraz que sou, nunca deixei de lado os gêneros de Literatura Infantil e Juvenil. Ouvi tal frase enquanto conversava com uma colega sobre nossas últimas aquisições nas livrarias: as minhas eram todas histórias infantis. A pessoa, em tom zombeteiro, se intrometeu na conversa e, falando com voz fina, soltou a frase.

A Pedagogia é minha segunda graduação, sou formada em Letras e, neste curso, fiz a cadeira de Literatura Infantojuvenil, na qual comecei a aprender sobre a importância deste gênero literário. Sigo estudando o tema desde então. São nove anos lendo teóricos e histórias, fazendo cursos e me aprofundando cada vez mais neste rico e importante tesouro da humanidade. Concordo com Hunt (2010, p.81) quando ele afirma que “[...] quem quer que tenha lido muitos livros para criança quando adulto provavelmente concordará que é o tipo mais gratificante de leitura”. Gratificante pois nos identificamos com seus heróis, mocinhas e bandidos; vivemos através destes personagens, de suas aventuras. Somos as testemunhas oculares de seus percalços; esta experiência segura ajuda a criança (e o adulto) a lidar com suas próprias angústias e perdas, a compreender melhor o que está a sua volta. Segundo Bettelheim (2011), o conto de fadas auxilia a criança a obter uma consciência mais madura para civilizar as pressões caóticas de seu inconsciente. Esse gênero literário vai além do prazer de ler, ele traz ensinamentos que levamos por toda a vida, e que nos dão equilíbrio emocional. Dessa forma, o gênero literário tem também uma dimensão educativa, o que justifica a inserção de pesquisas como a aqui desenvolvida no campo de estudos da Educação e da Pedagogia.

No entanto, mesmo com séculos de existência, a Literatura Infantojuvenil está envolta em preconceito e é considerada uma literatura menor. O fato de em pleno 2018 ainda conhecermos histórias que eram contadas no século XVII indica exatamente o oposto. As histórias sobreviveram porque são úteis para as crianças, para a humanidade. Continuarão assim, desde que tenham qualidade literária, não importando se falam de princesas ou naves

¹ Trem que leva os alunos bruxos à escola.

espaciais, especialmente se considerarmos que o conto de fadas é o pai de toda a literatura destinada para a criança e o jovem, e este gênero

[...] é ainda hoje o primeiro conselheiro das crianças, porque foi o primeiro da humanidade, e sobrevive, secretamente, na narrativa. [...] Esse conto sabia dar um bom conselho, quando ele era difícil de obter, e oferecer sua ajuda em caso de emergência. (BENJAMIN, 1985, p. 125)

Lembro muito bem de um Natal em que ganhei um livro que eu queria muito, saí pulando pela sala de tanta felicidade, e lembro muito mais da cara de meu primo que não entendia tamanha felicidade por ganhar um mero livro. Eu tinha por volta dos 16 anos e o livro era “Ei! Tem Alguém Aí?”, de Jostein Gaarder. Pouco tempo depois li a respeito de um livro sobre um menino órfão, que vivia debaixo da escada da casa dos tios e que encontrava a “pedra filosofal²”. Era um assunto que eu achava legal e logo entrou para a minha lista de desejos, esse foi meu presente de aniversário naquele ano.

Comecei a ler “Harry Potter e A Pedra Filosofal” e as primeiras páginas não me agradaram. Era novembro e eu estava estudando para as últimas provas na escola e deixei o livro de lado. Acontece que eu fiquei de cama e precisava de repouso total. Foi então que retomei a leitura e devorei o livro. Na época já havia sido lançado o segundo volume da série e foi o que pedi de aniversário para minha avó, li praticamente num suspiro só “Harry Potter e A Câmara Secreta”. Dezembro chegou e com ele “Harry Potter e O Prisioneiro de Azkaban”.

Apresentei os livros para minhas irmãs e todos os meus primos; me orgulho em dizer que são todos *potterheads*³. Também gosto de pensar que os incentivei a serem os grandes leitores que são hoje (sou a prima mais velha dos dois lados da família e também a irmã mais velha). Essa é uma das principais atribuições dadas ao conjunto de sete livros escritos por J. K. Rowling: a de formar novos leitores ao redor do mundo. Todos sabemos que a série “Harry Potter” é um fenômeno mundial de vendas. A obra conta “a história do menino que sobreviveu⁴” e se passa na Inglaterra. Harry Potter, personagem principal, sobrevive, ainda bebê, ao ataque do maior bruxo das trevas. No mundo bruxo Harry Potter é considerado um “salvador” de seu povo. O garoto só conhece sua verdadeira história quando recebe o convite para entrar na Escola de Magia e Bruxaria Hogwarts. É então que a trama se desenvolve, pois o Lord das Trevas está vivo e quer voltar ao poder.

² A pedra filosofal era um grande objeto de pesquisa dos alquimistas na Idade Média, com ela se pretendia transformar metais inferiores em ouro e até obter o elixir da vida eterna.

³ *Potterhead* é como se autointitulam os maiores fãs da obra “Harry Potter”.

⁴ Referência ao título do primeiro capítulo do primeiro livro da série, que contextualiza ao leitor a história da família Potter, que é vítima de um atentado do qual só o bebê (Harry) sobrevive.

Contudo, um dos pontos que mais chamam minha atenção na história é o papel das personagens femininas, pois vemos mulheres, heroínas e vilãs, jovens ou não, indo à batalha, comandando, planejando, tal como os homens. Na escola, as aulas, os esportes, o refeitório são todos mistos. O único momento em que há separação por gênero são nos dormitórios da escola, ainda assim a sala comunal de cada casa da escola⁵ é compartilhada.

Em contrapartida observo o crescente movimento de crítica à Literatura Infantil e Juvenil quanto às personagens femininas, juntamente com o termo “antiprincesa⁶” e a enxurrada de biografias femininas adaptadas ao público infantil e juvenil em vez de obras literárias. Essas histórias de princesas marcam um tempo e um contexto social no qual elas surgiram, elas não representam a realidade da mulher de hoje, pois,

As histórias são importantes. São importantes por serem espelhos e janelas. Quando uma menina lê ou vê um desses contos de fadas tradicionais, estagnados, machistas e opressores, será que a imagem que verá refletida se aproximará de quem ela é? Provavelmente não. Talvez até distorça quem ela é ou sutilmente deprecie a mulher que deseja ser. (FORMAN, 2016, p.11).

É nesse contexto que surge o tema para o presente TCC: decidi analisar o que considero a igualdade de gênero na obra de Rowling através da representação de feminino que vemos no protagonismo exercido por essas bruxas criadas/narradas por uma mulher. Para tanto será feita a análise de quatro personagens femininas, sendo duas heroínas – Molly Weasley e Hermione Granger - e duas vilãs – Belatriz Lestrage e Dolores Umbridge.

Tendo como objetivo analisar a representação de feminino veiculada pelos diferentes comportamentos e perfis das personagens desta obra, questiono: quais posições são exercidas pelas personagens selecionadas no decorrer da trama? Como essas personagens veiculam representações de feminino que convidam as leitoras a se identificarem com elas? Para aproximar-me de repostas e para alcançar o objetivo delineado, alio-me ao referencial dos Estudos Culturais em Educação por ele proporcionar a análise de diferentes artefatos culturais, tais como os livros de literatura, no caso deste TCC.

Antes de passar à sessão metodológica cabe explicar o título deste Trabalho: “O Espelho de Ojesed: Representações do feminino na obra Harry Potter”. Este espelho aparece

⁵ Os alunos de Hogwarts estão divididos em quatro “casas”: Grifinória, Lufa-lufa, Corvinal e Sonserina. A seleção de cada aluno é feita a partir de seus traços de personalidade e tipo de inteligência.

⁶ O termo “antiprincesa” surgiu no Brasil através da coleção homônima de biografias femininas que mostra “mulheres reais” para inspirarem as meninas e irem em busca de seus sonhos. Fazem parte da coleção as biografias de Frida Khalo e Clarice Lispector, por exemplo. O termo foi então adotado, principalmente nas redes sociais, pelo movimento feminista. Existindo inclusive, um curso de “desprincesamento”: <http://g1.globo.com/minas-gerais/triangulo-mineiro/noticia/2017/01/curso-de-desprincesamento-desfaz-ideia-de-mundo-encantado.html>. Acesso em 15/05/2018.

no primeiro livro. É um objeto mágico que reflete os desejos mais profundos da pessoa e não seu próprio reflexo (“ojesed” é desejo escrito ao contrário/espelhado).

2 MAPA DO MAROTO⁷ CAPÍTULO TEÓRICO-METODOLÓGICO

O presente capítulo está subdividido em cinco seções para melhor organização acerca de cada perspectiva que embasa o estudo. Primeiramente abordo a importância dos Estudos Culturais para este Trabalho de Conclusão de Curso. O motivo desta escolha para analisar uma série de livros infantojuvenis se deve ao fato de que

A literatura é uma das diversas roupagens que vestem as práticas pelas quais os sujeitos são interpelados, é discurso e, ao mesmo tempo, é criatura do discurso, exercendo uma função reguladora pelas representações nela existentes, sendo, ao mesmo tempo, regulada pelos discursos que se pretendem hegemônicos. (ARGÜELO, 2014, p. 110).

No tópico seguinte abordo a importância da representação na literatura, e a representatividade de personagens femininos em obras contemporâneas. Logo depois inicio uma seção sobre gênero e literatura, trazendo para o trabalho as relações de gênero na obra Harry Potter. Para então, na seção seguinte, tratar da figura da bruxa a partir da história da literatura infantil e juvenil, relacionando as primeiras aparições dessa personagem nos contos de fadas clássicos às aparições nos dias de hoje. Finalizo o capítulo explicando os caminhos metodológicos que me levaram à definição do corpus empírico desta pesquisa e justifico a escolha de cada personagem que será analisada.

2.1 ESTUDOS CULTURAIS, EDUCAÇÃO E LITERATURA

Os Estudos Culturais (E.C.), referencial que embasa o presente trabalho, surgem na Inglaterra, nas últimas décadas do século XX, como uma resposta ao uso da palavra “cultura” como um termo restrito à classe dominante, ou seja, algo refinado, erudito e exclusivo, sem relação com as classes populares. É a partir destes estudos que a

Cultura transmuta-se de um conceito impregnado de distinção, hierarquia e elitismos segregacionistas para um outro eixo de significados em que se abre um amplo leque de sentidos cambiantes e versáteis. Cultura deixa, gradativamente, de ser domínio exclusivo da erudição, da tradição literária e artística, de padrões estéticos elitizados e passa a contemplar, também, o gosto das multidões (COSTA; SILVEIRA; SOMMER, 2003, p.1).

⁷ O mapa do maroto é um mapa encantado, nele aparecem, além do lugar, os nomes das pessoas que estão circulando naquele local.

Partindo desta compreensão, os Estudos Culturais englobam um enorme leque de temas a serem analisados dentro desta perspectiva: estudos surdos, de gênero, de literatura, sobre educação, mídia etc., além de analisar as representações contidas nestes grupos estudados; “[...] é um campo de estudos onde diversas disciplinas se interseccionam nos estudo de aspectos culturais da sociedade contemporânea” (Escosteguy, 2006, p. 137). Nesse contexto, o presente Trabalho de Conclusão de Curso tem como foco analisar uma obra literária sob a ótica dos Estudos Culturais em sua relação com a literatura e a educação, pesquisando/averiguando questões a partir dos conceitos de gênero e representação contidas no artefato cultural a ser analisado. Artefato cultural é qualquer coisa produzida pelo homem. Para este Trabalho de Conclusão de Curso será tomada a obra literária “Harry Potter” como artefato cultural.

Como justificativa para a escolha da linha de estudos adotada neste trabalho cito Scramin (2011):

A literatura e a educação são dois campos disciplinares que lidam diretamente com as crises do tempo em que estão inseridas, quer dizer, com problemas gerados pela mudança nos processos de mediação do saber (SCRAMIN, 2011, p. 95).

Em contrapartida, Ilan Brenman (2013) critica⁸ o uso dos Estudos Culturais na literatura em seu livro “A Condenação de Emília – o politicamente correto na literatura infantil”. Para o autor, as análises de literatura feitas sob a ótica culturalista, dentro dos E.C., contribuem para a má qualidade literária de livros infantojuvenis. Brenman (2013) relata que a partir do momento em que textos canônicos⁹ ocidentais foram analisados pelo método desconstrucionista (característico dos E.C.), desencadeou-se o que o autor se refere como “patrulhas ideológicas de minorias” (BRENMAN, 2013, p. 32). Estas análises resultaram em um montante de produção de literatura infantil de baixa qualidade, já que o politicamente correto e a autoajuda para crianças começaram a se sobressair no mercado editorial em detrimento a obras de qualidade literária. Esta contribuição negativa acontece, segundo o autor, pois

Os estudos culturalistas representavam um avanço na análise literária¹⁰, porém, seu uso político representou um retrocesso no campo literário. As obras sempre tinham

⁸ Movimento de estudos que nasceu nos Estados Unidos.

⁹ Textos que viram referência mundial de estilo.

¹⁰ Nos E.C. “O “texto” não é mais estudado por ele próprio, nem pelos efeitos sociais que se pensa que ele produz, mas, em vez disso, pelas formas subjetivas ou culturais que ele efetiva e torna possíveis.” (Johnson, p. 75, 2006).

uma ideologia perversa escondida no seu *corpus*, a literatura por ela mesma não tinha mais razão de ser (BRENMAN, 2013, p.32).

Estas análises geraram uma série de censuras de obras clássicas da literatura mundial em escolas e universidades dos Estados Unidos, como Melville¹¹, acusado de ser antiecológico e Mark Twain¹², acusado de ter feito uma obra escravagista. Aqui no Brasil a obra de Monteiro Lobato também é vista de maneira negativa por aqueles que enxergam nela elementos de racismo¹³, ignorando o valor literário da mesma e o contexto em que está inserida. Para Brenman, os E.C. ignoram o momento histórico em que estas obras foram concebidas. As análises tecidas pelo autor nos ajudam a perceber que é necessário examinar um artefato cultural com cuidado e sob mais de uma perspectiva, considerando seu contexto de produção e circulação.

Johnson (2006) argumenta que na história dos Estudos Culturais os primeiros encontros foram com a crítica literária. Esses estudos ganharam popularidade, se espalhando da Inglaterra para os Estados Unidos e América Latina com bastante força, expandindo seu campo de pesquisa e chegando até os estudos em educação, campo de atuação que vem crescendo bastante no Brasil, principalmente em decorrência das pesquisas produzidas nos Programas de Pós-graduação, conforme aponta André (2001).

2.2 REPRESENTAÇÃO NA LITERATURA

As palavras “representação” e “representatividade” têm ganhado bastante força, principalmente nas redes sociais, lugar seguro onde as pessoas podem fazer seus questionamentos e críticas. Os grupos minoritários¹⁴ adotaram essas palavras para falarem e esclarecerem diversos tipos de preconceitos e falhas históricas para com eles. Um dos grandes slogans do movimento negro no Brasil, por exemplo, é o termo “Representatividade importa”. Esta representatividade pela qual tanto clama mais da metade da população brasileira, segundo dados do IBGE, é ver seus rostos estampando propagandas de TV, editoriais de

¹¹ Autor de “Moby Dick”, um romance que retrata a caça à baleia.

¹² Autor dos clássicos “As aventuras de Tom Sawyer” e “As aventuras de Huckleberry Finn”.

¹³ “Obra infantil de Monteiro Lobato causa polêmica por racismo”

https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/educacao/ensino_educacaobasica/2012/07/05/ensino_educacaobasica_interna,321881/obra-infantil-de-monteiro-lobato-causa-polemica-por-racismo.shtml. Acesso em 16/05/2018.

¹⁴ Grupos minoritários são compostos por mulheres, negros, surdos, gays etc. Todo grupo de pessoas que, de alguma forma é repimido e sofre preconceito de uma maioria que não aceita outros grupos fora do padrão de seus mesmos/próprios.

moda, além de bonecas negras e personagens da literatura exercendo protagonismo nas histórias. Kaercher (2006, p.98) diz que o papel de personagem principal dentro da história “[...] demarca a autoridade e a importância da fala/ação daqueles/daquelas que o exercem”.

É na literatura infantojuvenil em que há mais problematizações e questionamentos quando o assunto é representação, não apenas com personagens negros, mas também com personagens femininos, muitos dos quais ainda ficam marcados pela feminilidade e docilidade exagerados. Kaercher usa o termo “periferização da feminilidade” (2006, p. 169) para designar a posição de personagens femininos que aparecem em segundo plano na história, mesmo quando elas são protagonistas. A autora ressalta ainda que a “[...] feminilidade é posta como um contraponto da masculinidade” (2006, p. 169), desta forma a mulher torna-se o oposto, sempre negatizado, do homem, como aponta Argüelo (2014):

Nos seus estudos, Belline tem confirmado o quanto é possível encontrar na literatura inúmeros binarismos, tais como: cultura X natureza, atividade X passividade, inteligência X sensibilidade, em que o primeiro elemento, de valor positivo, considerado a “norma”, é atribuído ao homem, enquanto o segundo, o desvio, é atribuído à mulher (ARGÜELO, 2014, p. 111).

Além das “antiprincesas”, também chegaram nas livrarias obras de princesas independentes e que não ficam esperando pelo príncipe; e também princesas engraçadas como em “Até as princesas soltam pum”, de Ilan Brenman, que traz um tipo de enciclopédia com todos os tipos de puns que as princesas clássicas soltam; ou “A pior princesa do mundo”, de Anna Kemp, que retrata a história de uma princesa que espera ser salva pelo príncipe e quando isso acontece ela percebe que não quer mais viver em um castelo, mas sim viver mil e uma aventuras montada em seu amigo dragão.

Evidentemente, os personagens femininos não são apenas princesas. Está crescendo o movimento do mercado editorial em busca de personagens independentes, e que vai além das biografias de grandes mulheres. Esse movimento é importante pois o fato destas publicações existirem e estarem se expandindo indica novos modos de representação do feminino neste artefato cultural tão relevante que é o livro de Literatura Infantojuvenil.

A semente do que estamos colhendo agora foi plantada nos anos 1960 com o surgimento do movimento feminista, que faz parte do grupo de “novos movimentos sociais”, que englobam, entre outras, as lutas pelos direitos civis etc. (Hall, 2014). Este acontecimento marca o momento histórico em que a mulher passa a ter mais poder para lutar por igualdade de gênero. É quando a mulher consegue chamar atenção para ser ouvida e começa a se narrar. Silveira (2011) argumenta que narrar a experiência legítima a identidade. A mulher passa a

ocupar o lugar de pesquisadora e não apenas objeto de pesquisa (Louro, 2011), acarretando a ampliação de possibilidades de circulação social da mulher, como em publicações literárias que também pluralizam os personagens femininos:

[...] a representação do feminino é regida por convenções que enfrentam mudanças significativas ao longo do tempo. Isso se deu conforme as possibilidades socialmente abertas à mulher se foram ampliando em consequência do acesso ao mercado de trabalho e ao ensino superior [...] (SCHWANTES, 2006, p. 8)

2.3 GÊNERO E LITERATURA

A coleção Harry Potter foi escrita por uma mulher e na sociedade bruxa, criada por Rowling, percebe-se que não há o que seriam os papéis pré-determinados entre masculino e feminino¹⁵, pois não há momentos em que a autora usa esta oposição binária¹⁶. Seguindo este pensamento, a intenção deste estudo não é opor homens e mulheres, mas analisar a representação de feminino veiculada pelos diferentes comportamentos e perfis das personagens na obra. Personagens estas narradas por uma mulher.

Bauman (1998) diz que ao nascermos ingressamos em um mundo pré-fabricado (aspectos culturais, linguísticos etc.), onde algumas coisas são importantes e outras não, onde as conveniências estabelecidas destacam algumas coisas e outras não, ou seja, nascemos em uma cultura pré-existente, com papéis pré-definidos nesta sociedade específica, pois, segundo Hall (1997), somos governados pela cultura. É a cultura que regula nossas condutas, ações sociais e práticas e, assim, regula também a maneira como agimos no âmbito das instituições e na sociedade mais ampla. Porém, mesmo com alguns papéis e espaços pré-determinados, existe a possibilidade de escape e de criar novas condutas. No caso das mulheres em “Harry Potter”, notamos a abertura de um novo leque de representações femininas em obras destinadas ao público jovem, muito diferentes das tradicionais princesas dos contos de fadas, narradas por homens. Os escritores desses contos definiam o padrão de representatividade feminina que servia de exemplo para os leitores e as leitoras. Bauman (1998) ainda afirma que cada época e cada cultura tem certo modelo de pureza e certo padrão ideal a serem mantidos intactos e incólumes às disparidades, e podemos perceber os contos de fadas e suas princesas

¹⁵ Ainda que haja representações de feminino e masculino que poderíamos chamar de “tradicionais”, não há uma vinculação explícita e direta dessas representações no desenvolvimento da narrativa como há, por exemplo, nos contos de fadas.

¹⁶ Pensamento dicotômico e polarizado sobre gêneros no qual se concebem homens e mulheres como polos opostos, que se relacionam dentro de uma lógica invariável de dominação-submissão (Louro, 1997 p. 35).

funcionando nesta posição, como podemos perceber na narrativa de Perrault (1994), em “A Bela Adormecida do Bosque”:

Enquanto isso, as fadas começavam a distribuir os dons para a princesa. A mais nova declarou que ela seria a mais bela criatura do mundo; a seguinte, que ela teria o espírito de um anjo; a terceira, que teria uma graça admirável em tudo o que fizesse; a quarta, que saberia dançar maravilhosamente; a quinta, que cantaria como um rouxinol; a sexta, que tocaria com perfeição qualquer tipo de instrumento. (PERRAULT, p. 90, 1994).

Percebe-se claramente o ideal feminino que deveria ser atingido naquela época, século XVII, no qual havia a idealização¹⁷ da mulher perfeita através do movimento literário barroco, que tratava a mulher como um ser angelical, de aparência e atitude impecáveis, a criatura mais bela e ingênua da natureza. O tempo passou e, em meados do século XXI, nos deparamos com a bruxa Fleur Delacour, a personagem descrita de forma mais sensual e feminina¹⁸ por Rowling,



Fleur Delacour. Disponível em: <http://jpaddey.tumblr.com/>
Artista: Jenna Paddey

que é a única mulher a participar do “Torneio Tribruxo”, um campeonato entre três escolas de magia e bruxaria que acontece no quarto livro – Harry Potter e o Cálice de Fogo. Cada escola tem seu representante que irá competir em três provas que testarão sua inteligência, coragem e habilidade mágica, é uma disputa perigosa em que podem ocorrer mortes.

O critério para escolha do representante de cada escola é ele ser um excelente bruxo, Delacour é a melhor estudante francesa de sua escola a concorrer para participar do campeonato, chegando à final do mesmo. Fleur nos mostra que sua beleza impecável, a sedução feminina, tão presente no imaginário masculino, não a torna uma mulher dependente e frágil. Delacour é inteligente, forte, corajosa, competitiva; ela é uma bela destemida mulher.

É baseada em Guacira Louro (2011) que surgiu minha observação sobre a sociedade bruxa que existe em Harry Potter, na qual parece não haver tanta discrepância de gênero.

¹⁷ Esta idealização era feita através da ótica masculina.

¹⁸ “Era a garota de Beauxbatons que rira durante a fala de Dumbledore. Finalmente retirara o xale. Uma longa cascata de cabelos louro-prateados caía quase até sua cintura. Tinha grandes olhos azul-profundos e dentes muito brancos e iguais”. (ROWLING, 2001, p. 144). Fleur é mestiça de humano com *veela*, uma espécie de Ninfa mais poderosa.

Louro expõe que “[...] é no âmbito das relações sociais que constroem os gêneros”. A autora continua:

Observa-se que as concepções de gênero diferem não apenas entre sociedades ou momentos históricos, mas no interior de uma dada sociedade, ao se considerar os diversos grupos (étnicos, religiosos, raciais de classe) que a constituem (LOURO, 2011, p.27).

Diante de mulheres das mais variadas personalidades e fazendo coisas atribuídas tradicionalmente a elementos masculinos, vejo então uma variável que segue o caminho oposto a grande maioria de personagens femininas na Literatura Infantojuvenil. Mendes (1999) expõe que o modelo de comportamento feminino esperado pela sociedade machista ainda é o de que a mulher deve ser linda, dócil, obediente e infinitamente bondosa, exatamente o oposto que Rowling traz em algumas de suas personagens femininas.

Penso que a coleção Harry Potter vem para desestabilizar o tema “gênero”, quebrando paradigmas masculinos e femininos. Assim, a obra torna-se um exemplo e inspiração para suas leitoras a partir do momento em que as representações do feminino, existentes na história, fazem com que meninas da vida real se identifiquem e sintam-se representadas naquelas garotas e mulheres ficcionais, enxergando ali aspectos de suas próprias personalidades. Além disso, mostra para meninos e rapazes que mulheres conseguem fazer qualquer coisa, uma vez que “as histórias conferem movimento à nossa vida interior, e isso tem importância especial nos casos em que a vida interior está assustada, presa ou encurralada” (ESTÉS, 2014, p.34).

2.4 A FIGURA DA BRUXA NA LITERATURA INFANTIL E JUVENIL

A bruxa¹⁹ povoa o imaginário de adultos e crianças há séculos, desde a sua invenção pela igreja, como uma mulher demonizada.

A bruxa diabólica foi simplesmente inventada: [...] Esse modelo foi inspirado em elementos integrantes da cultura europeia que circulavam entre as pessoas comuns, e, sobretudo, entre o clero. Foram divulgados através de várias instâncias – religiosa, política, judicial, artística – e personificados naquelas que eram as tradicionais feiticeiras²⁰ e, muitas vezes, em qualquer outra mulher, mesmo que não tivesse

¹⁹ A religião pagã, em que estão as verdadeiras bruxas/feiticeiras, não será abordada neste trabalho pois na obra analisada a bruxaria não está relacionada à religião, mas sim ao aspecto da fantasia.

²⁰ A feitiçaria ([...] lançamento de sortilégios, manipulação de ervas, fabricação de unguentos e filtros de sedução) era uma prática bastante corriqueira, mas a bruxaria (feitiçaria diabólica) era uma atividade inteiramente imaginária. (CALADO, 2005, p. 75).

qualquer ligação com os saberes sobrenaturais. Foi justamente a condensação de todas essas características numa só imagem que permitiu a fabricação da bruxa (feiticeira diabolizada). (CALADO, p. 62/63, 2005).

Até chegarem aos clássicos contos infantis (baseados na feiticeira demonizada), como uma mulher velha, feia, maldosa e até canibal:

“Crec crec, isca isca! Quem minha casinha petisca?”

João e Maria levaram tamanho susto que deixaram cair o que tinham nas mãos e logo em seguida viram uma velhinha bem franzina saindo pela porta. Ela balançou a cabeça e disse: “Oi crianças, como vieram parar aqui? Entrem comigo que irão passar bem”. Então ela pegou os dois pelas mãos e levou-os para dentro da casa. Lá serviu-lhes boa comida [...] e depois preparou duas belas caminhas, em que João e Maria se deitaram pensando estarem no céu. Mas a velha era uma bruxa má que armava emboscadas para crianças e havia construído aquela casinha de pão apenas para atraí-las. Quando capturava uma, matava-a, cozinhava e a comia como se fosse em dia de festa. (GRIMM, p. 88/89, 2012)

Figura 2: João e Maria



Figura 3: João e Maria



João e Maria, por Arthur Rackham – século XIX.

Disponíveis em: <https://br.pinterest.com/pin/364791638550368169/>;

<https://br.pinterest.com/pin/425801339740643317/>. Acesso em 10/05/2018.

Note-se, nas imagens acima, a bruxa com nariz e queixo protuberantes, dedos cheios de nós e uso de duas muletas, além da idade avançada. A imagem da bruxa nas histórias é uma

marca deixada pela perseguição às mulheres na Europa. Hueck (2016) diz que a maioria das vítimas da igreja tinha mais de 50 anos, muitas vezes eram viúvas ou mendigas, e, como naquela época a expectativa de vida não passava dos 40 anos, as acusadas de bruxaria eram consideradas pessoas muito velhas.

Esta figura ainda é bastante retratada em histórias contemporâneas. No entanto, a bruxa ganhou novas roupagens e podemos encontrar bruxinhas do bem, engraçadas e até atrapalhadas, como a bruxa Hildegarda Rosa Espinhenta das Cruzes Tortas Chulezenta da Silva²¹, que vai para a cidade grande assustar as crianças que não a temem, e a própria vilã acaba se assustando com o lugar sujo, violento e barulhento e sendo ridicularizada pelas crianças. Nos deparamos com uma personagem que não assusta mais. Sobre o

medo nas histórias infantojuvenis Calado (2005) pontua: “[...] o que provoca medo, o que é injusto ou cruel varia no tempo e no espaço; são concepções elaboradas a partir de um contexto cultural, não necessariamente efêmero e não necessariamente permanente” (CALADO, 2005, p. 23).

Figura 5: Bruxa do livro “Carona na Vassoura”



A “Bruxa sorridente” por DONALDSON, Julia. **Carona na vassoura**. São Paulo: Brinque – Book. 2012. Ilustração: Axel Scheffler.

Figura 4: Bruxa Hildegarda



Bruxa Hidelgarda por ZATZ, Lia. **Era uma vez uma bruxa**. São Paulo: Moderna, 1998. Ilustração: Rogério Borges

Muitas dessas novas bruxas da literatura infantil mantêm como traço comum a idade adulta e o sobrepeso. Como, por exemplo, a “Bruxinha Atrapalhada”, de Erva Furnari, ou a bruxa de “Carona na Vassoura” de Julia Donaldson, que apesar do nariz grande com verruga, é muito simpática.

²¹ Da obra “Era uma vez uma bruxa” de Lia Zatz.

Figura 6: Bruxinha Atrapalhada



A Bruxinha Atrapalhada por FURNARI, Eva. **A bruxinha atrapalhada**. 24 ed. São Paulo: Global editota: 2008.

Para Fanny Abramovich esta imagem da bruxa é exageradamente distorcida:

Invariavelmente [nos livros infantis], a bruxa, o gigante e outras personagens são extremamente feias, ou até monstruosas, grotescas ou deformadas, fazendo com que o afastamento físico, a repulsa instintiva, a reação da pele sejam o detonador do temo e do medo, e não a ameaça emocional do que eles tepresentam – de fato – para a criança... (ABRAMOVICH, p. 36, 1989)

A bruxa contemporânea é representada pela imagem da mulher livre, independente e dona de si; “[...] um ser misterioso, enigmático, que conhece e domina outros saberes, que pode até ser muito sedutora e atraente” (ABRAMOVICH, p. 36, 1989). Em Harry Potter nos deparamos com bruxas que são mulheres comuns exercendo seu papel na sociedade bruxa, são mães, funcionárias públicas (do Ministério da Magia, por exemplo), professoras, estudantes etc. Esta sociedade, criada por J. K. Rowling, vive paralelamente à sociedade comum, das pessoas que não têm magia (os trouxas²²), através de feitiços e encantamentos

²² “Rowling criou um neologismo para definir os não-bruxos – *muggle*, palavra provavelmente derivada de *mug*, que significa simplório, pateta, ingênuo. A tradução brasileira para “*trouxa*” deixa de fora um sentido possível enquanto palavra inventada, corrompida”. (CORSO, CORSO, 2006, p. 259).

que os bruxos usam para não serem notados pelas pessoas comuns. A estrutura da sociedade criada por Rowling em muito se assemelha à vida dos trouxas em costumes sociais, como: casamento, comemoração da páscoa e do natal, quartos de adolescentes com posters de astros do rock, campeonatos mundiais de esportes etc.

Notamos, então, uma quebra da imagem tradicional da bruxa em Harry Potter. A bruxa criada por Rowling faz mágicas e prepara poções, mas sua aparência não é aquela que tradicionalmente vemos nos livros infantis, são adolescentes, adultas e idosas; mulheres comuns em qualquer sociedade.

2.5 OS PASSOS PARA CHEGAR À ANÁLISE

O primeiro passo para iniciar a investigação e dar início a este Trabalho de Conclusão de Curso foi pesquisar outros trabalhos científicos com a temática “Harry Potter” nos portais LUME²³, CAPES²⁴ e SCiELO²⁵. Foram encontrados dezenas de trabalhos envolvendo a obra, mas nenhum especificamente tratando das personagens femininas sob a perspectiva de gênero e representação. No site do LUME²⁶ da UFRGS foram encontrados sete trabalhos acadêmicos, sendo cinco TCCs de cursos diversos (GNEWUCH, 2011; PIONER, 2012; SANSEVERINO, 2013; ZANELLA, 2013; SILVA, 2016) e duas dissertações de mestrado (NUNES, 2010; SANSEVERINO, 2015). Dentre os trabalhos apenas um dos TCCs, do curso de letras, analisa personagens. Esta análise é feita a partir do narrador sobre dois personagens masculinos.

Para abordar estas duas temáticas foram escolhidos os Estudos Culturais, pois dão o suporte científico necessário para a pesquisa, conforme já explicitado anteriormente. A partir disso, foram levantados autores que abordassem gênero e representação, buscando seus trabalhos e obras publicadas, além de autores que tratassem de Literatura Infantil e Juvenil para reunir o aporte teórico necessário dentro dos campos de pesquisa que envolvem o trabalho. O resultado dessa busca foi o capítulo 2 deste TCC, que organiza o referencial teórico que embasa as análises realizadas. Após todos esses levantamentos pesquisou-se, nos

²³ <http://www.lume.ufrgs.br/>

²⁴ <http://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>

²⁵ <http://www.scielo.org/php/index.php>

²⁶ Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/31920/000785020.pdf?sequence=1>. Acesso em: 26/04/2018.

mesmos portais acima citados, trabalhos sobre análises de personagens na literatura no intuito de encontrar estudiosos que trabalhem com o tema em questão.

Inicialmente não foi planejado o uso de imagens no trabalho, esta ideia surgiu durante a escrita da seção “A bruxa na literatura infantil e juvenil”. Os livros da coleção não são ilustrados²⁷, ainda assim é possível encontrar facilmente ilustrações dos personagens. Foi utilizado o repositório *Pinterest* para a busca das imagens das quatro mulheres analisadas neste trabalho. Tal busca foi realizada a partir de seus nomes. A escolha por utilizar as imagens foi feita com o intuito de auxiliar na produção de sentido do texto literário. Foram escolhidas ilustrações feitas por fãs ou artistas para desvincular estas personagens do universo imagético dos filmes produzidos pelos estúdios *Warner Bros*.

2.5.1 Chapéu Seletor - O material empírico da pesquisa

As personagens literárias habitam nosso imaginário pois nos envolvemos profundamente com elas em nossas leituras. Torcemos, rejeitamos, nos identificamos, choramos junto. Quando crianças, uma das principais identificações é o fato de nós vivenciarmos experiências através destas personagens. As experiências não são lutar contra piratas ou atravessar um espelho para um país mágico, são, de fato, aprendizagens as mais diversas através desta observação que fazemos dos heróis e vilões. Aprendemos sobre o perigo de aceitar coisas de estranhos com a Branca de Neve, e a enfrentarmos nossos medos com o João e Maria, por exemplo. Esse envolvimento com a trama rompe a barreira da faixa etária e quando crescemos continuamos a gostar ou detestar estes seres fictícios, e não apenas com a literatura destinada a adultos, e um bom exemplo disso é Harry Potter.

Nesta obra, que é narrada em terceira pessoa, ou seja, a escritora apenas observa e nos narra o que está acontecendo. Rowling nos presenteou com dezenas de personagens entre humanos e criaturas mágicas, e sua principal mensagem é o quanto nossas escolhas nos definem. Os livros falam sobre²⁸ amizade e lealdade, sobre não aceitar o que está errado e, principalmente, sobre fazer o que é certo independente do quanto o errado possa parecer mais fácil e rápido.

²⁷ Em 2017 começou o relançamento dos 7 volumes em versão ilustrada, na data deste trabalho havia sido recém lançado o terceiro volume.

²⁸ <https://www.rocco.com.br/blog/o-que-aprendi-com-o-mundo-magico-de-harry-potter/>. Acesso em 27/05/2018

Dentre tantos personagens, J.K. nos oferece um incrível leque de personalidades femininas, as quais estão longe de aparecerem de forma estereotipada, dentro de uma feminilidade exagerada e da periferização da feminilidade (Kaercher, 2006). Retomando esse conceito, o qual define a personagem feminina protagonista “em segundo plano” (Kaercher, 2006, p. 169) no enredo da história, como ainda é habitual em muitos livros de Literatura Infantojuvenil. Por exemplo: em alguns contos e histórias que levam o nome da protagonista, mesmo que o título do conto seja “Rapunzel” e ela seja o principal personagem da história, em momento algum a garota pensa em fugir da bruxa, mesmo podendo usar seu próprio cabelo como corda para escapar da torre em que está aprisionada. Esta atitude só é tomada depois que ela conhece o príncipe e é convencida por ele. Esta história traz o sexismo de maneira explícita. Sobre isso Argüelo (2014) nos diz que “O sexismo em geral atribui uma origem de ordem “natural” às desigualdades que pautam as relações entre homens e mulheres, contrariando a ideia de que as desigualdades são produzidas” (ARGÜELO, 2014, p. 116).

A opção por analisar Hermione Granger, Molly Weasley, Dolores Umbridge e Belatriz Lestrage se deve ao fato de Rowling dar mais profundidade a estas personagens, pois elas exercem papéis de maior protagonismo na trama. Para dar início à pesquisa era preciso selecionar os trechos dos livros em que estas mulheres são citadas pela autora. Tendo a intenção de tornar o trabalho mais dinâmico²⁹ optou-se por procurar os trechos nos livros em formato PDF, nos quais a busca foi feita através do comando “ctrl+f”. Mesmo com esta facilidade tecnológica o trabalho foi árduo, em apenas um dos livros³⁰ “Hermione” é citada mais de mil vezes. Além dos primeiros nomes das personagens foram utilizados na busca os seus apelidos e sobrenomes como “Mione” e “Sra. Weasley”, por exemplo. Também foram analisadas entrevistas da autora em que ela fala dessas personagens.

Hermione foi escolhida pois é considerada “a bruxa mais inteligente de sua geração³¹” e tem um tremendo sucesso acadêmico, além de muitas vezes o protagonista da série só ter sucesso em sua jornada por causa da ajuda da bruxa. Molly foi escolhida pois é uma dona de casa, sem grande poder aquisitivo, mãe de sete filhos e, no entanto, é a única heroína a cometer um assassinato. Dolores foi escolhida pois tem uma aparência frágil, sempre fazendo uso de laços e frufus, porém, ela almeja o poder e o controle sem medir escrúpulos para chegar onde quer, além de se utilizar de um discurso cheio de preconceitos. Belatriz foi

²⁹ E, além disso, considerando o tempo de desenvolvimento de uma pesquisa de TCC no Curso de Pedagogia, que dura apenas um semestre.

³⁰ “Harry Potter e a Ordem da Fênix”.

³¹ Frase mencionada por diversos personagens em vários volumes.

escolhida por ser uma grande vilã, sem escrúpulos, que tortura e mata demonstrando alegria, além de ser a serva mais fiel do maior bruxo das trevas que existiu.

As personagens analisadas não trazem a estereotipia da bruxa presente na literatura infantil e juvenil, já discutidas anteriormente. Suas aparências não são de velhas solitárias e feias, nem todas são vilãs e as vilãs não são canibais, elas também não voam em vassouras e nem têm um gato preto. Elas são: uma jovem estudante, uma dona de casa, uma *socialite* e uma funcionária pública.

3 VERITASERUM ³² : QUAIS REPRESENTAÇÕES DE FEMININO SÃO VEICULADAS PELAS PERSONAGENS DE HARRY POTTER?

Este capítulo está subdividido em duas seções: “Heroínas”, na qual se tratam separadamente as personagens Hermione Granger e Molly Weasley, e a seção “Vilãs”, com uma parte para Belatriz Lestrange e outra para Dolores Umbridge.

O primeiro passo foi definir o ser herói na literatura, abordando também a representação de heroína, para então dar início às análises das personagens escolhidas. Apesar de haver estudos tanto sobre heróis quanto heroínas, neste Trabalho será dada ênfase à jornada do herói por razões que serão discutidas a seguir. Para a seção das vilãs foi feito levantamento sobre os perfis que esta categoria de personagem pode ter. O foco permanece na descrição psicológica das personagens escolhidas, diferentemente do herói que é analisado a partir dos passos dados e desafios vencidos em seu trajeto durante a história.

3.1 AS HEROÍNAS

Joseph Campbell (2006), a partir de seus estudos sobre mitos ao redor do mundo, percebeu o que ele chamou de “monomito” ou “a jornada do herói”. Campbell (2006) afirmava que as características principais desta jornada do herói são repetidas nas histórias em todas as partes do mundo, o que ele chamou de “herói de mil faces³³”.

Tudo começa em seu mundo “normal” e ao final da aventura é para lá que o herói volta. No entanto, para viver a aventura, ele deixa seu lar e embarca em um mundo mágico. São essas as características que Campbell (2006) classificou e que aparecem como ponto comum em todo herói, mesmo que esses mitos tenham milhares de anos, vemos essas mesmas características em heróis de filmes, livros e novelas contemporâneas. É baseado nos estudos de Campbell que Vogler (1998) detalha a jornada do herói, sendo composta dos seguintes elementos:

Mundo Comum – É de onde o herói parte, um mundo normal e sem magia;

O Chamado à Aventura – Um problema é apresentado ao herói;

³² Veritaserum é a “poção da verdade”, uso este termo não no sentido de encontrar a verdade absoluta, mas sim com o sentido de verdade que encontrei na análise realizada neste Trabalho.

³³ “Herói de mil faces” pois a personalidade e as ações dos heróis se repetem independente de onde se passa a história, seja nativo americano ou nipônico ou nórdico.

Recusa do Chamado – O herói está com medo do desconhecido e hesita antes de partir na aventura; recusa ou demora a aceitar o desafio ou aventura;

Encontro com o Mentor – Figura sábia e protetora que aparece para auxiliar o herói;

Travessia do Primeiro Limiar – O herói finalmente embarca na aventura e a história de fato começa;

Testes, Aliados e Inimigos – O herói aprende as regras deste novo mundo a partir dos testes e encontros com aliados e inimigos;

Aproximação da Caverna Oculta – “Finalmente, o herói chega à fronteira de um lugar perigoso, às vezes subterrâneo e profundo, onde está escondido o objeto de sua busca” (VOGLER, 1998, p. 41);

Provação – O herói enfrenta a batalha de vida ou morte; é a provação da aventura;

Recompensa – O herói sobrevive e é recompensado;

O Caminho de Volta – O herói enfrenta as consequências de ter confrontado as forças obscuras enquanto deixa o mundo encantado;

Ressurreição – “Muitas vezes, este é um segundo momento de vida-ou-morte, quase uma repetição da morte e renascimento da Provação. A morte e a escuridão fazem um último esforço desesperado, antes de serem finalmente derrotadas.” (VOGLER, 1998, p. 45);

Retorno com o Elixir– O herói retorna ao seu mundo com a recompensa de sua jornada, de acordo com Vogler (1998), o Elixir pode ser, além do tesouro, amor, liberdade, sabedoria etc.

A Jornada do Herói é uma armação, um esqueleto, que deve ser preenchido com os detalhes e surpresas de cada história individual. A estrutura não deve chamar a atenção, nem deve ser seguida com rigidez demais. A ordem dos estágios que citamos aqui é apenas uma das variações possíveis. Alguns podem ser eliminados, outros podem ser acrescentados. Podem ser embaralhados. Nada disso faz com que percam seu poder. (VOGLER, 1998, p. 36)

Em seu livro “O poder do mito” Campbell (2017) compara o papel da heroína com o momento do parto e o tornar-se mãe. O autor não desenvolve a “jornada da heroína” pois nos mitos clássicos praticamente apenas os homens se envolvem neste tipo de empreitada.

Em contrapartida/incremento ao trabalho de Campbell, surge o trabalho de Maureen Murdock (2018)³⁴, trazendo a jornada da heroína, que está inserida na sociedade patriarcal

³⁴ Fonte: <https://cultura.estadao.com.br/blogs/renato-prelorenzou/a-jornada-da-heroína/>. Acesso em 11/06/2018

contemporânea, ou seja, muitas vezes limitada pelo machismo. Tal jornada se organiza da seguinte forma:

A ilusão do mundo perfeito: A heroína vive no mundo comum e pensa que nada de mau pode lhe acontecer: “os homens vão cuidar de mim”; “sou excepcional e serei aceita entre os homens”; “tudo vai dar certo se eu conseguir agradar pai, mãe, marido, chefe...”

A traição e a desilusão: Mas essas crenças da heroína a abandonam, porque alguém a trai ou ela percebe que o mundo não é como imaginava.

O despertar e a preparação para a jornada: Por um momento, a heroína perde as esperanças, mas logo depois decide agir. Os outros tentam desencorajá-la, mas ela é movida pela traição.

A queda – passando pelos portais do julgamento: A heroína sente medo, abandono, culpa e vergonha por ter deixado a velha vida (por ter sentimentos, por seguir a intuição, por ter rompido relações que não lhe faziam bem). Mas tem que se entregar, deixar o controle para seguir adiante.

O olho do furacão: A heroína sente um gostinho de sucesso. Mas sua sensação de vitória e segurança é falsa, porque os outros não querem ser liderados por uma mulher. Os homens começam a sabotá-la, ou ela tenta cumprir muitos papéis, impossível a uma única pessoa.

A morte – tudo está perdido: A heroína percebe que nem a sabedoria adquirida pode ajudá-la. Para ser respeitada, ela não pode parar de lutar. As coisas pioram, e a heroína chega a perder as esperanças.

A ajuda: A heroína encontra alguém (um espírito, uma deusa, uma musa interior) que lhe estende a mão. Ela abraça o aspecto feminino e aceita o auxílio como algo positivo.

O renascimento, o momento da verdade: Com a ajuda, a heroína encontra sua força interior e retoma a jornada. Desperta, enfrenta os próprios demônios e vê o mundo e sua missão com outros olhos.

O retorno ao mundo visto com outros olhos: Agora a heroína vê o mundo como ele é. Sua experiência vai transformar a vida dos outros, mas ela não pensa em ser reconhecida pelos seus feitos. Sua recompensa é espiritual, íntima. Agora ela se conhece melhor e está comprometida com seu mundo.

No entanto, para as personagens de Rowling, que vivem em uma sociedade paralela à nossa, a sociedade bruxa criada pela autora, a classificação dada por Campbell (2006) se aproxima mais das duas heroínas analisadas neste Trabalho de Conclusão de Curso. Nossas heroínas não se encaixam na descrição de Murdock (2018), que retrata a jornada da heroína,

porque naquela sociedade descrita pela autora as questões de gênero não têm a mesma dimensão das do mundo criado por Rowling. Apesar de os personagens principais e os maiores protagonistas na luta do bem contra o mal em Harry Potter serem homens, não é só com os heróis que a trama acontece, Rowling também criou grandes heroínas. Sobre estes personagens Corso e Corso (2006) apontam:

Rowling é uma escritora idealista, ela faz mais do que proporcionar boas doses de magia e aventura para contrastar com a triste e chata realidade da vida: seus heróis também encarnam ideais subjetivos preciosos. (CORSO, CORSO, 2006, p. 254).

[...] os heróis não são simplesmente obedientes ou transgressivos, eles se mostram sempre com opiniões em relação às leis da escola e do seu mundo, escolhem obedecer ou não, por vezes, são forçados a driblar as normas e seguidamente pagam caro por seus atos. (CORSO, CORSO, 2006, p. 254).

Heróis aqui no plural, designando homens e mulheres. Como veremos na próxima seção, as heroínas analisadas não são personagens simples, elas evoluem junto à trama, ou seja, vão crescendo dramaticamente de acordo com os acontecimentos à sua volta. Elas agem além do esperado pelo leitor, saem de sua zona de conforto, tomam atitudes. São mulheres complexas e até mesmo imperfeitas, mas determinadas em seus ideais de praticar o bem e defender quem quer que seja. Estas heroínas não são as mocinhas dóceis, bem-comportadas e dependentes que tanto aparecem nas histórias infantojuvenis.

3.1.1 Hermione Granger

“Ninguém se surpreendeu quando a mão de Hermione foi a primeira a se levantar.”
(ROWLING, 2000, p. 58)

Hermione é a melhor amiga do personagem principal da obra e também a bruxa mais inteligente de sua geração, conforme já mencionado anteriormente. Ela é nascida em uma família “trouxa”, que aceita sem resistências o fato de ter uma filha bruxa. Sua primeira aparição na história é no trem “Expresso de Hogwarts”, meio de transporte utilizado pelos alunos para chegarem até a escola. A escola, como retratada no livro, funciona no regime de internato, liberando os alunos durante os principais feriados. Hermione é sempre descrita por sua incrível inteligência e até mesmo por ser um tanto irritante³⁵:

³⁵ Usarei esta formatação (caixas de texto e fonte tamanho 11) para diferenciar os trechos do material empírico das citações diretas.

[...] Ela já estava usando as vestes novas de Hogwarts.

– Alguém viu um sapo? Neville perdeu o dele. – *Tinha um tom de voz mandão*, os cabelos castanhos muito cheios e os dentes da frente meio grandes. [...]

– Você está fazendo mágicas? Quero ver. Sentou-se. Rony pareceu desconcertado.

– Hum... está bem. Pigarreou. – Sol, margaridas, amarelo maduro, muda para amarelo esse rato velho e burro.

Ele agitou a varinha, mas nada aconteceu. [...]

– Você tem certeza de que esse feitiço está certo? – perguntou a menina. – Bem, não é muito bom, né? *Experimentei uns feitiços simples só para praticar e deram certo*. Ninguém na minha família é bruxo, foi uma surpresa enorme quando recebi a carta, mas fiquei tão contente, é claro, quero dizer, é a melhor escola de bruxaria que existe, me disseram. *Já sei de cor todos os livros que nos mandaram comprar, é claro*, só espero que seja suficiente; aliás, sou Hermione Granger, e vocês quem são? Ela disse tudo isso muito depressa.

(ROWLING, 2000, p. 62/63. grifos meus).

A jornada de Hermione como heroína é a clássica, ela começa quando a bruxa recebe a carta de Hogwarts e aceita o convite para entrar neste mundo mágico. Sobre esta jornada Vogler (1998) aponta que:

No fundo, apesar de sua infinita variedade, a história de um herói é sempre uma jornada. Um herói sai de seu ambiente seguro e comum para se aventurar em um mundo hostil e estranho. Pode ser uma jornada mesmo, uma viagem a um lugar real: um labirinto, floresta ou caverna, uma cidade estranha ou um país estrangeiro, um local novo que passa a ser a arena de seu conflito com o antagonista, com forças que o desafiam. (VOGLER, 1998, p. 35).

Figura 7: Hermione Granger



Hermione é considerada a maior bruxa de sua geração e não nasceu de uma família bruxa: tudo o que ela sabe tão bem é fruto de seu estudo e dedicação. A personagem foi eleita, por escritores, diretores e atores de *Hollywood*, como a personagem feminina de filmes favorita de todos os tempos. Sobre este feito, sua intérprete no cinema, Emma Watson, declarou: “Sua empatia, seu senso de integridade, sua decência e firme convicção em lutar por justiça e igualdade – mesmo quando sua seriedade fez dela um alvo fácil para o ridículo – eles são todos inabaláveis... Hermione mostrou que tudo bem as meninas serem as mais espertas da sala. Tudo bem ser uma líder, aquela com o plano.”³⁶

Hermione Granger. Disponível em: <http://danaterrace.tumblr.com/post/152716092560/a-prompt-from-the-live-stream>

Artista: Dana Terrace

³⁶ Fonte: página do Facebook “A might girl”, traduzido por mim. Disponível em: <https://www.facebook.com/amightygirl/photos/a.360833590619627.72897.316489315054055/17122483021448>

Hermione não suporta o preconceituoso Draco Malfoy e sua família, que não perde oportunidades de insultá-la:

– Quer um, Granger? – perguntou Malfoy, oferecendo um distintivo a Hermione. – Tenho um monte. Mas não toque na minha mão agora, acabei de lavá-la, sabe, e não quero que uma sangue ruim a suje.

(ROOWLING, 2001, p 168).

Os olhos do Sr. Malfoy se voltaram para Hermione, que corou de leve, mas retribuiu o seu olhar com determinação.

(ROWLING, 2001, p. 62).

Esta heroína se mantém firme diante do preconceito que sofre, no entanto ela não é perfeita, como podemos ver no trecho a seguir:

– Olhem só ele chorando feito um bebezão!

Malfoy³⁷, Crabbe e Goyle tinham parado às portas do castelo, escutando.

– Vocês já viram uma coisa mais patética? – perguntou Malfoy. – E dizem que ele é nosso professor!

Harry e Rony se voltaram com violência para Malfoy, mas *Hermione chegou primeiro. PÁ!*

Ela deu um tapa na cara de Malfoy com toda a força que conseguiu reunir. Malfoy cambaleou. Harry, Rony, Crabbe e Goyle ficaram parados, estupefatos, enquanto Hermione tornava a levantar a mão.

– Não se atreva a chamar Hagrid³⁸ de patético, seu sujo... seu perverso...

– Mione! – exclamou Rony com a voz fraca, e tentou segurar a mão da garota ao vê-la tomar novo impulso.

– Sai, Rony! *Hermione puxou a varinha. Malfoy recuou.* Crabbe e Goyle olharam para ele pedindo instruções, inteiramente abobados.

– Vamos – murmurou Malfoy e, num instante, os três tinham desaparecido no corredor que levava às masmorras.

– Mione! – tornou a exclamar Rony, parecendo ao mesmo tempo espantado e impressionado.

– Harry, *acho bom você dar uma surra nele na final de quadribol³⁹!* – disse a garota com a voz esgançada. – Acho bom dar, porque *não vou suportar ver Sonserina⁴⁰ vencer!*

(ROWLING, 2000, p. 166. grifos meus).

09/?type=3&comment_id=1713054432064196¬if_id=1528489178944076¬if_t=feedback_reaction_generic. Acesso em 08/06/2018.

³⁷ Draco Malfoy e seus amigos Crabbe e Goyle são alunos de Hogwarts e fazem parte de tradicionais famílias de bruxos das trevas. Malfoy é o principal rival de Harry na escola e sempre que tem uma chance humilha Hermione por ela ser de origem trouxa, ou seja, “sangue ruim/sujo”.

³⁸ Hagrid é o guarda-caça de Hogwarts, mestiço de humano com gigante, ele se torna professor de Trato das criaturas mágicas por adorar esses animais. Ele é um dos personagens mais bondosos da obra e está chorando pois seu hipogrifo de estimação foi sentenciado à morte por ter atacado Draco Malfoy após ter sido provocado pelo garoto.

³⁹ Quadribol é um esporte bruxo semelhante ao futebol, praticado em vassouras voadoras. Harry Potter é um verdadeiro craque neste esporte.

⁴⁰ Sonserina é uma das casas de Hogwarts, famosa por ter formado bruxos das trevas. É a casa de Draco, Crabbe e Goyle. Hermione, Harry e Rony são da Grifinória e as duas casas são as maiores rivais da escola.

Nesta passagem selecionada, a garota perde a paciência e agride o colega de escola quando alguém por quem ela tem apreço é atacado, sem chance de defesa. Vogler (1998) diz que todo herói precisa ter um problema, uma falha, o autor afirma que “Personagens que não têm um problema interno parecem chatos e superficiais, por mais heroicos que sejam em suas ações.” (VOGLER, 1998, p. 97). A imperfeição de Hermione seria a impaciência, e isso acontece em vários trechos dos livros. Winckiewicz (2017) aponta que esta falha do personagem o torna humano e real, o que aumenta a identificação do público com ele, desta forma, a heroína se mostra tão vulnerável quanto qualquer pessoa.

No último livro⁴¹ da saga, todos sabem que o maior Bruxo das Trevas retornou. Hermione, juntamente com Harry e Rony, abandona a escola para combater o mal. Eles partem numa missão confiada a Harry: encontrar objetos, chamados de *horcrux*, nos quais aquele bruxo guardou pedaços de sua alma (desta forma ele tem como voltar à vida se seu corpo for morto), e destruí-los. Apenas assim o bem poderá vencer esta batalha. A liderança de Hermione é essencial nesta etapa da história. Durante a procura pelas *horcruxes* o trio passa a ter uma vida nômade, sempre trocando de esconderijos e precisando de rápida locomoção durante as missões e fugas. A bruxa leva consigo uma bolsa encantada onde há tudo o que podem precisar, desde ingredientes para poções e dinheiro, até livros e uma barraca:

– Quando você diz que trouxe a capa e as roupas... – Harry começou a dizer, franzindo a testa para a amiga, que *não levava nada nas mãos, exceto a bolsinha de contas*, em cujo interior ela agora remexia.

– Isso mesmo, estão aqui – respondeu ela e, *para espanto dos dois garotos, tirou da bolsa um jeans, uma camiseta, meias marrons e, finalmente, a Capa da Invisibilidade prateada.*

– Caraca, como foi...?

– *Feitiço Indetectável de Extensão* – respondeu Hermione. – *Complicado, mas acho que o executei corretamente; enfim, consegui enfiar aqui dentro tudo que precisamos.* – Ela deu uma sacudidela na bolsinha frágil que *ressoou como um porão de carga*, quando *dentro rolaram vários objetos pesados.* – Ah, droga, devem ser os livros – disse Hermione dando uma espiada –, eu tinha empilhado todos por assunto... ah, bom... Harry, é melhor ficar com a Capa da Invisibilidade. Rony, depressa, se troca logo...

[...]

– Você é um assombro, só é! – exclamou Rony, lhe entregando as vestes enroladas.

(ROWLING, 2007, p. 97/98. Grifos meus).

Ela planeja cada passo que eles darão, Harry Potter é sempre ouvidos:

Harry teria, de bom grado, partido para Godric’s Hollow no dia seguinte, *mas Hermione tinha*

⁴¹ “Harry Potter e as Relíquias da Morte”

outras ideias. Convencida de que Voldemort esperaria que Harry voltasse à cena da morte dos pais, ela decidira que só viajariam depois de assegurar que tivessem os melhores disfarces possíveis. Portanto, só uma semana mais tarde – após obterem fios de cabelos⁴² de trouxas inocentes que faziam compras de Natal, e praticar aparatização⁴³ e desaparatação sob a Capa da Invisibilidade –, Hermione concordou em viajar.

(ROWLING, 2007, p. 182. Grifos meus).

Ocorrem assassinatos, intrigas, perseguições. No decorrer da história o nome do bruxo das trevas é “azarado” e vira um “tabu”: com este feitiço quem fala seu nome se torna rastreável. Além disso, com o “tabu”, todo e qualquer feitiço de proteção é rompido. Desta forma, ficou mais fácil para qualquer bruxo das trevas encontrar os bruxos que fazem parte do equivalente à polícia federal do mundo trouxa. Porém, Harry Potter acaba mencionando-o e ele e seus amigos são pegos, mas antes que sejam encontrados Hermione age, demonstrando iniciativa:

Harry olhou para os outros dois, agora meros contornos no escuro. Viu Hermione apontar a varinha, não para fora, mas para o rosto dele; ouviu-se um estampido, uma explosão de luz branca e ele se dobrou de dor, incapaz de enxergar. Com as mãos, sentiu seu rosto inchar rapidamente, enquanto passos pesados o cercavam. (ROWLING, 2007, p. 249. Grifos meus)

A bruxa lançou um feitiço que deformou o rosto⁴⁴ do amigo momentaneamente. Eles são levados para a casa de uma tradicional família de vilões onde Hermione é torturada. Ela é a primeira a ser escolhida por ter origem trouxa. O rosto de Potter só é revelado no momento da fuga (ele escapa ileso).

Granger é peça fundamental na trama. Em todos os sete livros é ela quem tem a solução para o problema. A personagem nos mostra que a resposta para tudo está nos livros, é uma “ratinha de biblioteca” com coragem demais para ficar apenas “na teoria”, atrás dos livros. Apesar da figura de “ajudante” de Potter, Hermione não exerce esta função a partir de um status servil, este auxílio vai além do conselho: ela fala o que deve ser feito, planeja e é ela quem é seguida. A personagem vai além do arquétipo⁴⁵ da menina estudiosa e aplicada e também do arquétipo da bruxa tão comum na Literatura Infantojuvenil. Este papel, exercido por Granger, é geralmente atribuído ao masculino. A noção de gênero que tem como conceito a oposição entre masculino e feminino foi culturalmente construída, Argüelo (2014), aponta que

⁴² Existe uma poção chamada “*Polissuco*”, quem bebe dela torna, momentaneamente, uma duplicata exata de outra pessoa. Para tanto é preciso um pedacinho de quem se deseja “clonar”, fios de cabelos são os mais usados.

⁴³ “Aparatar” e “desaparatar” é uma espécie de teletransporte entre os bruxos. Aparatar – aparecer em algum lugar; desaparatar – desaparecer de algum lugar.

⁴⁴ Todos reconhecem Harry Potter por sua cicatriz em forma de raio na testa.

⁴⁵ “Arquétipo” é um modelo, um padrão. Na literatura é um determinado perfil de personagem.

[...] não há nada de natural na produção da “norma” que pautam os comportamentos e que delimitam fronteiras das identidades de gênero, assim também como nas desigualdades existentes nessas relações. (ARGÜELO, 2014, p. 121.)

Podemos constatar em Hermione que ser uma garota com o melhor plano, com voz de comando não a torna uma figura indesejável em seu meio social.

Retomando a jornada desta bruxa, baseada em Vogler (1998): Ela recebe o **chamado à aventura** – a carta de Hogwarts e a revelação de que ela é uma bruxa; ela **fica relutante em se envolver na aventura** com Harry e Rony⁴⁶, mas ela é **encorajada a fazer o que é certo**, quando ela resolve se aventurar **faz a travessia do primeiro limiar** e entrar no Mundo Especial, a partir de então, em todos os livros, ela **encontra testes, aliados e inimigos**. **Na aproximação da caverna oculta, ela vive sua última aventura no livro**, a procura das horcruxes e **cruza um Segundo Limiar** onde **enfrenta a provação**, a batalha final contra os bruxos das trevas. Ela **ganha sua recompensa** e vira “auror⁴⁷”, além de tomar a atitude e iniciar o namoro com Rony Weasley.

Podemos constatar que Hermione não passa por todas as 12 etapas descritas por Vogler acima. Vale lembrar que o autor argumenta que esta não é uma fórmula rígida a ser seguida, pode haver menos ou mais etapas e a ordem dos acontecimentos não é necessariamente sempre a mesma.

3.1.2 Molly Weasley

A Sra. Weasley se preocupava com o estado das meias dele e tentava forçá-lo a repetir a comida três vezes por refeição. (ROWLING, 2000, p. 32)

Rony deixou cair várias caixas e fez um gesto obsceno para Fred; por azar, foi visto pela sra. Weasley, que escolhera aquele momento para reaparecer. – Se eu vir você fazendo isso outra vez, colo os seus dedos com um feitiço – avisou ela com rispidez. (ROWLING, 2005, p. 72)

⁴⁶ No primeiro livro, os três jovens bruxos resgatam a pedra filosofal das garras de Voldemort. No início Hermione não quer participar desta empreitada pois teria que quebrar as regras da escola. Sua ajuda foi fundamental para que chegassem à pedra.

⁴⁷ A profissão de auror inclui investigar e combater a arte das trevas, os aurores são membros de uma unidade de elite de agentes especializados e altamente treinados.

A Senhora Weasley é uma bruxa dona de casa (bastante prendada), mãe de sete filhos, dentre eles Rony, o melhor amigo de Harry, e Gina⁴⁸, que se torna a esposa do herói do livro. A linhagem familiar é das mais antigas da sociedade bruxa, ou seja, uma linhagem pura, embora pobre. Outras características marcantes da família incluem membros com roupas de segunda mão e todos muito ruivos, bondosos e corajosos.

Figura 8: Família Weasley

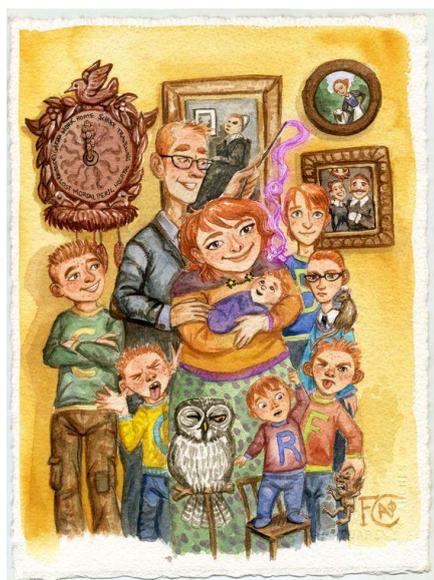


Figura 9: Sra. Weasley



Família Weasley. Disponível em: <https://feliciacano.deviantart.com/art/Weasley-Family-Portrait-432061927>. Acesso em 28/05/2018.

Artista: Feliciacano.

Sra. Weasley. Disponível em: <http://brenna-ivy.tumblr.com/post/153813963307>
Artista: Brenna – Ivy

Ela é sempre descrita com um rosto bondoso e gorducha:

[...] uma senhora baixa, gorducha, de rosto bondoso [...] Vestia um avental florido com uma varinha saindo pela borda do bolso.

(ROWLING, 2000, p.26)

A Sra. Weasley, pequena e gorducha.

(ROWLING, 2000, p.11)

A descrição da senhora Weasley é simples, ela é apresentada ao leitor como uma dona de casa banal, entretanto sua participação na trama é cada vez maior em cada volume publicado. Sobre a apresentação do herói, Vogler (1998) aponta:

⁴⁸ O papel de Gina Weasley na obra não se resume apenas ao relacionamento com Harry Potter. Seu personagem exerce ações e relações a parte da trama central, como ser artilheira do time de quadribol e ter tido outros namorados antes de se envolver com Potter.

Outra condição importante para o contador de histórias é ele ter controle sobre a maneira como seu herói entra em cena. O que está fazendo o herói, na primeira vez em que é visto? Que roupa está usando, quem está em volta, como reage a ele? Qual sua atitude, emoção, objetivo nesse momento? Entra em cena sozinho ou dentro de um grupo? Ou já está em cena quando a história começa? É ele quem narra a história, esta é vista pelos olhos de outro personagem ou é contada objetivamente, por meio de uma narrativa convencional? (VOGLER, 1998, p. 98).

Molly representa o tradicional arquétipo da mãe ideal: sempre dando bronca nos filhos, aos gritos. Apesar das broncas é extremamente carinhosa, procura cuidar bem de todos a sua volta, até mesmo de Harry: ela o penteia, força-o a repetir refeições, cozinha seus pratos favoritos etc. Vloger (1998) argumenta que os arquétipos podem ser flexíveis, ou seja, o personagem pode mudar durante a trama:

Pode-se pensar nos arquétipos como máscaras, usadas temporariamente pelos personagens à medida que são necessárias para o avanço da história. Um personagem pode entrar na história fazendo o papel de um arauto, depois trocar a máscara e funcionar como um bufão ou pícaro, um mentor ou uma sombra. (VOGLER, 1998, p. 49)

Aparentemente esta bruxa não passa de uma figura feminina comum, inclusive trazendo várias das representações que geralmente são associadas ao feminino: ser mãe, dona de casa, cuidadosa, boa cozinheira etc. No entanto, essas posições não dizem tudo sobre o que ela é. Em entrevista⁴⁹, Rowling fala sobre as escolhas da Sra. Weasley:

E tem alguma mãe que lembra você? Você não parece o tipo Molly Weasley.

Bem, um pouquinho, assim eu espero. Alguns anos atrás alguém escreveu: ela descreve a Molly Weasley como uma mãe que fica apenas em casa cuidando das crianças. Eu fiquei profundamente ofendida, porque até um ano antes eu também era o tipo de mãe que estava em casa o tempo todo cuidando de sua filha do mundo externo. O que pode ser mais difícil do que educar uma criança? E o que pode ser mais importante? Molly tem sete! Eu acho que Molly é uma mulher fantástica.

A autora faz menção à “Jornada da Heroína” (CAMPBELL, 2017) através da maternidade de Molly Weasley, uma mulher que optou cuidar de seus filhos e que esta jornada é intensa e importante.

⁴⁹ Disponível em <https://potterish.com/2007/11/rowling-fala-sobre-rdm-a-jornal-holandes/>. Acesso em 04/05/2018.

A primeira aparição de Molly Weasley é no segundo livro⁵⁰ da coleção, ela está sempre na cozinha de casa, cuidando das roupas dos filhos, se preocupando com todos os sete rebentos. A participação da bruxa na história vai crescendo simultaneamente à ascensão dos bruxos das trevas, ou seja, de acordo com que os heróis da obra vão se mobilizando na luta contra o mal, a sra. Weasley vai ganhando mais destaque na trama. Ela se junta à “Ordem da Fênix”, grupo de resistência formado por bruxos, incluindo aurores, que combatem o mal. Tendo como principal membro Alvo Dumbledore, diretor de Hogwarts, é ele quem faz o convite para a heroína iniciar sua jornada:

– Temos trabalho a fazer – disse.
 – Molly... *estou certo* em pensar que *posso contar com você* e Arthur⁵¹?
 – *Claro que pode* – disse a Sra. Weasley. *Estava pálida* até nos lábios, mas *parecia decidida*.

(ROWLING, 2001, p. 389. Grifos meus)

Apesar dessa personagem ser atravessada por várias das representações comumente associadas ao universo feminino, a jornada de Molly, mesmo que mais curta que a de Hermione, não se encaixa com a descrição de Murdock, pois ela não é impedida por algum homem, nem sabotada. Para participar da Ordem da Fênix, a bruxa se muda para a sede do grupo e lá segue com sua personalidade de “mãezona”: é ela quem cozinha e limpa a casa, mas também participa das reuniões e decisões tomadas pelo grupo. Rowling sempre coloca a Sra. Weasley nesta posição de cuidadora, apesar deste ser um lugar relacionado a subserviência, a autora deixa claro que a personagem gosta de estar neste lugar, além disso, como veremos, esta não é a única função de Molly na trama (a de servir).

– Vocês estavam tão dispostos a ajudar a Ordem – respondeu a Sra. Weasley –, que tal fazerem a sua parte, deixando a sede decente para podermos viver nela?

(ROWLING, 2003, p. 105)

Com o ressurgimento do líder dos bruxos das trevas, a luta entre o bem e o mal fica cada vez mais acirrada. A batalha final ocorre na escola, último bastião de resistência, sendo chamada de “A Batalha de Hogwarts”. Molly vai para a batalha juntamente com seus sete filhos (alguns ainda menores de idade). Todos os nove Weasley cravam combates mortais com bruxos das trevas inescrupulosos. Era de se esperar que uma mãe protetora como esta

⁵⁰ No primeiro livro ela passa por Harry Potter na estação de trem, orientando-o em como acessar a plataforma de embarque.

⁵¹ Arthur Weasley, marido da heroína.

fosse proteger seus filhos, poderia fugir ou até mesmo ter criado covardes, com medo do combate iminente contra os bruxos das trevas, mas esta é uma heroína forte e determinada.

É nesta batalha que ocorre o maior duelo mágico dos livros. A luta entre a heroína Molly Weasley e a vilã Belatriz Lestrange⁵²:

[...] uma *Maldição da Morte* passou tão perto de Gina que por menos de três centímetros não a matou... [...]

– A *MINHA FILHA NÃO, SUA VACA!*

A sra. Weasley atirou sua capa para longe enquanto corria, deixando os braços livres. Belatriz girou nos calcanhares, às gargalhadas, ao ver quem era sua nova desafiante.

– *SAIAM DO MEU CAMINHO!* – gritou a sra. Weasley [...], e, fazendo um gesto largo com a varinha, *começou a duelar.*

Harry observou com terror e animação a varinha de Molly Weasley golpear e girar, e o sorriso de Belatriz Lestrange vacilar e se transformar em um esgar. Jorros de luz voavam de ambas as varinhas, o chão em torno dos pés das bruxas esquentou e fendeu; as duas mulheres travavam uma luta mortal.

– *Não!* – gritou a sra. Weasley quando alguns estudantes correram, em seu auxílio.

– *Para trás! Para trás! Ela é minha!*

Centenas de pessoas agora se encostaram às paredes observando [...]

[...]

– *Que vai acontecer com seus filhos depois que eu matar você?* – provocou Belatriz, tão desvairada como o seu senhor, saltando para evitar os feitiços de Molly que dançavam ao seu redor.

– *Quando a mamãe for pelo mesmo caminho que o Fredinho?*

– *Você... nunca... mais... tocará... em... nossos... filhos!* – gritou a sra. Weasley. Belatriz deu uma gargalhada [...]. *O feitiço de Molly voou por baixo do braço esticado de Belatriz e atingiu-a no peito, diretamente sobre o coração. A risada triunfante de Belatriz congelou, seus olhos pareceram saltar das órbitas: por uma mínima fração de tempo, ela percebeu o que ocorrera e, então, desmontou, e a multidão que assistia bradou [...]*

(ROWLING, 2007, p. 402. Grifos meus)

A maior batalha do livro ocorre entre duas mulheres, com homens na plateia, batalha tão intensa que faz o chão rachar, um confronto magnífico. Molly Weasley é a única heroína a matar alguém e também a única a xingar. É uma mãe lutando pela sobrevivência de sua prole. Mesmo diante da morte do filho, ela se ergue e vai em busca de sua antagonista. É uma bruxa poderosa e destemida.

Vemos aqui a “heroína mãe” que Campbell (2017) retrata. O autor diz que o termo “herói” aparece mais em seus estudos pois é o homem quem sai de casa e se aventura, tradicionalmente. Para ele, a jornada da mulher, como heroína, acontece quando ela se torna mãe, no momento do parto. Esta seria a maior transformação na vida de uma mulher, a partir deste momento suas prioridades são revistas, ela embarca neste mundo completamente novo

⁵² Nesta batalha Belatriz mata um dos filhos (gêmeos) de Molly, Fred.

da maternidade, carregando a responsabilidade de criar outra vida. Molly Weasley optou por esta jornada, criar, alimentar, cuidar incondicionalmente seus sete filhos.

3.2 AS VILÃS

Existem grandes vilões na Literatura Infantojuvenil: Capitão Gancho, Lobo Mau, Rainha Má e a bruxa, que é a vilã clássica das histórias infantis. É comum, quando a história tem uma vilã, esta ser representada como uma bruxa; “Por serem consideradas vilãs, às bruxas se incorporou tudo o que era considerado vilania: a feiura, a solidão, a maldade, a inveja, a preguiça, a decrepitude, a insensatez, o mau-humor.” (CALADO, 2005, p. 112). Essa é uma das “heranças malditas” deixadas pela perseguição às mulheres na Europa de 400 anos atrás; a figura da bruxa foi cada vez mais estereotipada e ela virou o modelo exemplar de vilã nas histórias para crianças.

A presença do vilão é essencial para a história, por mais que gere a antipatia do leitor. É ele quem acrescenta ação e intensidade à trama, e é graças aos vilões que acontece o conflito das histórias, é a luta contra o herói que gera o clímax e que leva o herói à glória. Sobre este aspecto da literatura, Gamba (2014) nos diz:

[...] o Vilão é a personificação do mal puro, de tudo aquilo que é imoral e antiético. Levando-se em conta que a base do enredo melodramático é puramente maniqueísta⁵³, sem a maldade do Vilão, não há a definição da bondade do Herói (GAMBA, 2014, p. 51).

Tami Cowden classificou os vilões⁵⁴ em dezesseis categorias arquetípicas, oito para cada gênero – feminino e masculino. Segundo Cowden, as vilãs podem ser: **a Megera** – não se importa em mentir e trapacear para chegar ao topo; **a Viúva Negra** – ela seduz qualquer pessoa que tenha algo que ela quer, ela é tão boa na arte da sedução que a vítima deseja ser enganada; **a Falsa** – típica amiga de duas caras, parece simpática mas na verdade é uma grande traidora; **a Lunática** – a desequilibrada que leva quem está a sua volta para seu mundo louco; **a Parasita** – colabora com os outros apenas para seu próprio conforto e concorda com qualquer atrocidade desde que esteja em segurança, nunca salvará ninguém além de si mesma; **a Manipuladora** – a conspiradora letal, ela planeja a ruína dos outros; **a Fanática** – pratica o

⁵³ O maniqueísmo entende a realidade sob um ponto de vista dualista, com dois princípios opostos. No caso da literatura, o bem e o mal.

⁵⁴ Trabalho encontrado on line em: <http://www.tamicowden.com/villains.htm>. Acesso em 08/06/2018.

mal em nome do bem, ela justifica a ação dela por sua intenção e não se importa com danos colaterais, qualquer um que não seja um aliado é um inimigo; **a Matriarca** – é uma opressora maternal, ela sabe o que é melhor para seus entes queridos e fará tudo para controlá-los, não vê defeitos neles, a não ser que não a obedeçam.

A lista de personagens antagonistas em Harry Potter é longa: trouxas, criaturas mágicas, bruxos e, é claro, bruxas. São personagens complexos e com personalidades bem definidas, elas surpreendem o leitor pois são, além de detestáveis, profundas em seus modos de ser.

3.2.1 Belatriz Lestrage

– Fui e sou a mais leal servidora do Lorde das Trevas. Aprendi com ele as Artes das Trevas e conheço feitiços tão fortes com que você, menininho patético, não tem a menor esperança de competir... (ROWLING, 2003, p. 498)

Belatriz Lestrage aparece na trama a partir do quinto livro da série e é uma das maiores vilãs da obra. Quase toda sua família faz parte do grupo de bruxos que pratica as artes das trevas. Estas pessoas, da elite, têm como característica um conservadorismo extremado, não aceitando como legítimos feiticeiros quem não é nascido de uma tradicional família bruxa. O sentimento deles quanto aos bruxos mestiços, como Harry Potter, ou nascidos de famílias não bruxas, como Hermione Granger, chega a ser o de nojo. Também desprezam os bruxos de “sangue puro” que defendem essas pessoas e, evidentemente, odeiam os trouxas. Para eles é preciso fazer uma purificação da sociedade bruxa e não há nada tão sublime quanto ser um bruxo de “sangue puro”.

Os bruxos das trevas seguem o maior mago praticante desta arte de magia de todos os tempos, Lord Voldemort⁵⁵. Seus seguidores são chamados de “Comensais da Morte” e fazem todo tipo de serviço sujo como roubar, torturar e matar para que o Lord das Trevas conquiste o poder absoluto na sociedade bruxa. Lestrage

Figura 10: Belatriz Lestrage



Belatriz Lestrage. Disponível em: <http://wallpotter.blogspot.com/2016/05/bellatrix.html?sref=pi>
Autoria desconhecida.

⁵⁵ Lord Voldemort é tão temido que seu nome não é pronunciado e os bruxos se referem a ele como “Você-sabe-quem” ou “Aquele-que-não-deve-ser-nomeado”, algumas de suas características são: extrema inteligência e obsessão pelo poder, além de buscar a imortalidade.

é uma de suas mais fieis seguidoras e uma das Comensais da Morte mais eficientes. Ela é descrita como:

[...] uma mulher alta e morena de pálpebras caídas. [...] ela conservava feições atraentes, mas alguma coisa – talvez Azkaban – levara a maior parte da sua beleza”

(ROWLING, 2003 p. 77, p. 340).

Esta personagem é descrita como uma mulher bonita, característica geralmente atribuída às mocinhas nas histórias – quando a vilã é bonita, como em “Branca de Neve e os Sete Anões”, ela costuma ser obcecada pela própria beleza e por manter-se sempre com aparência jovem, chegando, inclusive, a mudar drasticamente de aparência na hora de fazer o mal. A beleza não impede Lestrage de ser uma vilã desequilibrada e uma pessoa cheia de preconceitos.

Seu ethos⁵⁶ ajuda a entender sua conduta: sua falta de limites em função da razão das paixões e o vício são frutos apenas da má índole do indivíduo, da maldade pela maldade, não há fatores externos. O personagem é marcado em uma instância psicológica pela perversidade, pela paranoia e pela obsessão (GAMBA, 2014, p. 51, 52).

Belatriz fica presa por quase uma década na prisão bruxa de segurança máxima, até sua fuga juntamente com outros Comensais da Morte. Logo que escapa ela se junta ao Lord das Trevas e volta a servi-lo. Vale ressaltar que ser má e servir à Voldemort é algo que esta personagem quer fazer, ela não assume essa posição por falta de escapatória ou por ser oprimida e obrigada. Ela gosta de fazer o mal e é ótima nisso.

O motivo de sua condenação é o uso do feitiço de tortura “Crucio” no casal Longbottom até eles chegarem à loucura. O casal tem um filho da idade de Harry, chamado Neville. A bruxa se orgulha de seu feito e demonstra grande satisfação ao poder repetir o mesmo com o filho do casal quando o encontra durante um confronto:

– Longbottom? – repetiu Belatriz, e um *sorriso realmente maligno iluminou* o seu rosto ossudo. – Ora, tive o *prazer* de conhecer seus pais, garoto.

– SEI QUE DEVE! – urrou Neville, e se debateu com tanta força contra o abraço do seu captor que o Comensal exclamou:

– Alguém quer estuporar⁵⁷ este garoto?!

– Não, não, não – pediu Belatriz. *Ela parecia arrebatada, viva de excitação* ao olhar para Harry e depois para Neville.

– Não, vamos ver *quanto tempo Longbottom resiste antes de enlouquecer como os pais...* a não ser

⁵⁶ Ethos é o conjunto de comportamento que define a identidade de uma pessoa.

⁵⁷ “Estuporar” é um feitiço que nocauteia quem é atingido por ele.

que Potter nos entregue a profecia.
 – NÃO DÊ A ELES! – bradou Neville [...]
 Belatriz ergueu a varinha.
 – Crucio! Neville gritou, as pernas erguidas contra o peito de modo que o Comensal da Morte que o prendia segurou-o momentaneamente fora do chão. O homem largou-o e ele caiu, se torcendo e gritando em tormento.
 – Foi só um aperitivo! – exclamou Belatriz, erguendo a varinha e assim interrompendo os gritos de Neville, deixando-o soluçante a seus pés. Ela se virou e olhou para Harry.
 – Agora, Potter, ou nos entrega a profecia ou *vai ver o seu amiguinho morrer sofrendo!*
 (ROWLING, 2003, p. 491. grifos meus)

Vemos neste trecho uma das características mais evidentes desta bruxa, o sadismo. Na obra existem os feitiços chamados de “maldições imperdoáveis”, que são feitiços de uso proibido, o que não impede de serem usados constantemente pelos bruxos das trevas. A maldição Crucio, em particular, tem um detalhe importante: ela só funciona quando quem a está usando realmente quer causar dor e sofrimento em seu oponente. Em uma parte da história Harry usa este feitiço em Belatriz, mas ele não faz o efeito esperado e a bruxa zomba do garoto por ele ser “bom”.

A “vilã lunática”, é um dos vários tipos de vilãs que existem, segundo a classificação criada por Cowden (2003-2011)⁵⁸. Ela leva as pessoas à sua volta para seu ambiente louco e completamente desequilibrado. Ao longo da história da humanidade, as mulheres foram rotuladas por terem um comportamento histérico, por serem alguém que não consegue controlar seus impulsos. Duby (2001, *apud* Calado, 2005, p. 67) aponta que a razão era identificada como o princípio masculino e o desejo, o princípio feminino: “A mulher, como o homem, é dotada de razão; no entanto, a parte animal, desejosa, predomina nela; ao passo que nele, o racional, portanto o espiritual, prevalece”. Essa é uma das características que as tornam figuras fracas: “[...] a verdade é que houve pouca descrição dos hábitos e das vidas psicológicas de mulheres talentosas, criativas, brilhantes. Muito foi escrito, porém, a respeito das fraquezas e defeitos dos seres humanos em geral e das mulheres em particular.” (ESTÉS, 2014, p.23). Belatriz, porém, tem o diferencial de ser vilã e não uma mulher comum, desta forma, sua personalidade perturbada não é um ponto de fraqueza, mas de fortaleza. Isto faz dela uma grande e poderosa feiticeira.

Apesar de só aparecer em três dos sete livros, Lestrange é quem comete mais assassinatos ao longo da trama. É durante a Batalha de Hogwarts, como mencionado anteriormente, que acontece sua derrocada, quando ela mata Fred Weasley. Mesmo enfrentando Molly, uma bruxa experiente e forte, ela faz chacota da morte do rapaz:

⁵⁸ É desta forma que o ano está apresentado na ficha catalográfica do *e-book*.

Belatriz também continuava a lutar, a uns cinquenta metros de Voldemort e, como seu senhor, ela *duelava com três de uma vez*: Hermione, Gina e Luna, todas empenhadas ao máximo, mas Belatriz *valia por todas juntas*.

[...]

– *Que vai acontecer com seus filhos depois que eu matar você?* – provocou Belatriz, *tão desvairada como o seu senhor*, saltando para evitar os feitiços de Molly que dançavam ao seu redor. – *Quando a mamãe for pelo mesmo caminho que o Fredinho?*

[...]

O feitiço de Molly voou por baixo do braço esticado de Belatriz e atingiu-a no peito, diretamente sobre o coração. A risada triunfante de Belatriz congelou, seus olhos pareceram saltar das órbitas: por uma mínima fração de tempo, *ela percebeu o que ocorrera e, então, desmontou, e a multidão que assistia bradou, e Voldemort deu um grito*.

(ROWLING, 2007, p. 402. grifos meus).

Após assassinar Fred Weasley, Belatriz segue triunfante na batalha, desta vez tentando matar Gina. Até ser interrompida por Molly. Lestrage segue zombeteira e faz pouco caso do ocorrido para a própria mãe da vítima. Sobre esta característica da vilania, Faria (2012) comenta: “[...] o personagem é mal e está contra o bem, ele inflige não somente a dor, mas o terror e o medo, aparentemente deleitando-se com suas atitudes” (FARIA, 2012, p. 207).

A vilã está triunfante com seu feito e quer mais. No entanto ela não contava com a fúria de Molly Weasley, e esta força incrível é fornecida pela própria vilã, pois como podemos ver em Gamba (2014): “[...] a função dramática é a de desafiar o Herói, tornando-se um oponente em sua luta. O Vilão traz à tona o que o Herói teria de melhor, ao colocá-lo em situação de ameaça e risco” (GAMBA, 2014, p. 53). Ao provocar uma heroína ao nível que Belatriz fez com Molly, a bruxa assina seu destino e a ela cabe o fim clássico dado ao vilão: a morte como punição maior.

3.2.2 Dolores Umbridge

“– Isto é uma escola, Sr. Potter, não é o mundo real – disse mansamente.”
(ROWLING, 2003, p. 157)

A bruxa Dolores Umbridge aparece no quinto livro da coleção e depois tem uma rápida aparição no início do último volume. É uma funcionária pública (subsecretária sênior do ministro da magia) com sede de poder, manipuladora, cruel e preconceituosa. A descrição dela feita por Rowling pode ser vista nos trechos a seguir:

[...] a bruxa à direita de Fudge se inclinou para a frente de modo que Harry a viu pela primeira vez. Achou-a igualzinha a um grande sapo claro. Era baixa e gorda, tinha uma cara larga e flácida, o pescoço era quase tão inexistente quanto o do tio Válter e a boca, frouxa. Os olhos eram enormes, redondos e ligeiramente saltados. Até mesmo o lacinho de veludo preto encarrapitado no alto de seus cabelos curtos e crespos fez o garoto imaginar um moscão que ela estivesse prestes a apanhar com sua língua comprida e pegajosa.

[...]

A bruxa falou numa voz *aguda, aflautada e infantil*, que espantou Harry; esperara que ela coxasse.

(ROWLING, 2003, p. 97, 98) (grifos meus).

Ela parecia, pensou Harry, com a tia solteirona de alguém: atarracada, com os cabelos curtos, crespos, castanho acinzentados, presos por uma horrível faixa rosa à Alice que combinava com o casaquinho cor-de-rosa peludo que trazia sobre as vestes.

(ROWLING, 2003, p.131, 132) (grifos meus).

Figura 11: Dolores Umbridge



Dolores Umbridge. Disponível em: <http://brenna-ivy.tumblr.com/post/153813963307>
Artista: Brenna – Ivy.

A aparência desta personagem não condiz com a vilania que estamos acostumados a ver nas histórias juvenis. Ela não é descrita como uma mulher bonita, como Belatriz Lestrange, mas usa roupas cor de rosa e tem a voz fina e mansa; Umbridge aparenta ser inofensiva.

Ao final do quarto livro, Lord Voldemort ressurgiu, para terror da comunidade bruxa, e no quinto Dolores assume a disciplina de “Defesa contra as artes das trevas” em Hogwarts. A escola é um local de resistência; seu diretor, Alvo Dumbledore, é um dos maiores feiticeiros de todos os tempos e é a única pessoa que Voldemort realmente teme. Enquanto o Ministério da Magia tenta abafar a ressurreição do bruxo das trevas, Dumbledore fala abertamente sobre o assunto, pois ele acredita que seus alunos precisam saber o que está acontecendo, até mesmo para poderem se defender. É então que Umbridge surge na trama. Nesta posição de professora ela serve como uma espécie de olhar censorador do Ministério dentro da escola. Até sua sala particular tem aparência piegas:

Havia vários vasos de flores secas, cada um sobre um paninho, e, em uma parede, havia uma coleção de pratos decorativos, estampados com enormes gatos em tecnicolor, cada um com um laço diferente ao pescoço.

(ROWLING, 2003, p.170).

Mais uma vez, este não parece o ambiente de uma vilã, assim como a casa construída com doces que João e Maria atacam. Faria (2012) diz que o mal está ligado à escuridão “e não por acaso, muitos vilões de ficção são representados com vestimentas ou em cenários escuros.” (FARIA, 2012, p. 171). No entanto, esta é apenas a aparência de Umbridge. Já em suas aulas ela demonstra o fascínio pelo poder com coisas simples, tais como: o aluno só pode chamá-la de “Sra profa. Umbridge”; todos têm que responder suas perguntas em coro; e só tem a vez da fala quem estender a mão. Na aula de “Defesa contra as artes das trevas”, como o nome diz, os alunos aprendem a se proteger de feitiços lançados contra eles, é uma aula prática que Dolores transforma em teórica. Evidentemente, os alunos a questionam, incluindo Harry Potter, que por esse motivo recebe uma detenção:

– [...] Agora o senhor vai escrever algumas linhas para mim, Sr. Potter. Não, *não com a sua pena* – acrescentou, quando Harry se curvou para abrir a mochila.
 – O senhor *vai usar uma especial que tenho*. Tome aqui. E lhe entregou uma pena longa e preta, com *a ponta excepcionalmente aguda*.
 – Quero que o senhor escreva: Não devo contar mentiras – *disse a professora brandamente*.
 – Quantas vezes? [...]
 – Ah, o tempo que for preciso para *a frase penetrar* – *disse Umbridge com meiguice*. – Pode começar.
 [...]
 – A senhora não me deu tinta.
 – Ah, você não vai precisar de tinta – *disse ela, com um leve tom de riso na voz*. Harry encostou a ponta da pena no pergaminho e escreveu: Não devo contar mentiras. E soltou uma *exclamação de dor*. As palavras apareceram no pergaminho *em tinta brilhante e vermelha*. *Ao mesmo tempo, elas se replicaram nas costas de sua mão direita, gravadas na pele como se tivessem sido riscadas por um bisturi* [...]
 Harry virou a cabeça para olhar a Umbridge. *Ela o observava, a boca rasgada e bufonídea distendida em um sorriso*.
 (ROWLING, 2003, p. 170-171) (grifos meus).

Este castigo seguiu por dias. Potter ficou para sempre com a cicatriz nas costas de sua mão. Aqui vemos a bruxa em seu esplendor, torturando uma pessoa que a aborreceu e ainda assim mantendo voz e aparência dócil, mesmo que o sorriso seja, na verdade, sádico. Sobre este perfil vilânico, Faria (2012) traz:

“A noção de mal está diretamente ligada ao entendimento moral, [...] o vilão, enquanto personagem fictício representativo do mal, será aquele que, indo contra os princípios morais, [...] causará a violência do sofrimento a outro, na maioria das vezes, com a intenção de fazê-lo.” (FARIA, 2012, p.150).

Umbridge não disfarça o tamanho prazer que teve em torturar um aluno, fazendo com que ele escrevesse utilizando seu próprio sangue. Nesta detenção, a vilã ignora

completamente o bom senso e é quando o leitor percebe o que a personagem é capaz de fazer quando é contrariada. Aqui, encontramos uma semelhança com Belatriz LeStrange, o prazer em causar dor, mas diferentemente de Belatriz, Dolores segue impune.

Ela começa a interferir no dia a dia da escola, a se intrometer em assuntos que não são de sua competência como docente, conquistando a antipatia de todos da escola, até que é nomeada, além de professora, como alta inquisidora:

MINISTÉRIO QUER REFORMA NA EDUCAÇÃO

DOLORES UMBRIDGE NOMEADA PRIMEIRA ALTA INQUISIDORA DA HISTÓRIA.

[...]

– Ontem à noite, o Ministério da Magia surpreendeu a todos aprovando uma lei que concede ao próprio órgão *um nível de controle sem precedentes sobre a Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts.*

[...]

A Inquisidora terá *poderes para inspecionar* seus colegas educadores e se assegurar de que estejam *satisfazendo os padrões desejados*. O cargo foi oferecido à Prof a Umbridge, que aceitou a nova incumbência e a irá acumular com o cargo docente que ora exerce.

(ROWLING, 2003, p. 196-197) (Grifos meus).

A nomeação veio depois de um desentendimento com uma das professoras mais respeitadas da escola, Minerva McGonagall. Com o novo cargo, o ego da alta inquisidora infla ainda mais, pois ela recebe mais poder para barrar o diretor Dumbledore em sua luta contra os avanços dos bruxos das trevas. A mídia bruxa distorce informações e faz com que a população acredite que o diretor está perdendo as estribeiras por causa da idade avançada e que não há com o que se preocupar quando o assunto é Lord Voldemort. Um dos principais lugares que precisa ser censurado é Hogwarts, que se torna ponto de resistência da sociedade bruxa que tem consciência do que está acontecendo e luta contra. Para Hermione (2003), a professora Umbridge suspeita que Dumbledore esteja montando um exército particular, de estudantes, para agir a seu favor.

Ela então começa a expedir decretos, mais de vinte, proibindo qualquer coisa que pareça suspeita ou a desagrade, como a reunião de três ou mais alunos em um grupo:

“Nenhuma organização, sociedade, nenhum time, grupo ou clube estudantil poderá existir sem o conhecimento e a aprovação da Alta Inquisidora.”

(ROWLING, 2003, p. 224)

A censura na escola é cada vez maior; Umbridge desconfia de qualquer coisa. O golpe final é a demissão do próprio Dumbledore, com ela tornando-se diretora de Hogwarts, um dos

maiores e mais honrosos cargos que um bruxo pode ter. Mesmo assim, ela continua desconfiada até descobrir um grupo secreto que Harry Potter e seus amigos fizeram para praticar defesas contra as artes das trevas, acreditando que há uma arma na escola.

– A Maldição Cruciatus⁵⁹ deverá soltar a sua língua – disse Umbridge em voz baixa.
 – Não! – gritou Hermione. – Profa Umbridge: isto é ilegal.
 Mas Umbridge não lhe deu atenção. *Tinha uma expressão maligna, ansiosa, excitada no rosto* que Harry nunca vira antes. Ergueu a varinha.
 – O ministro não iria querer que a senhora desrespeitasse a lei, Profa Umbridge! – exclamou Hermione.
 – O que Cornélio⁶⁰ *não sabe* não lhe tira pedaço – disse Umbridge, que agora ofegava levemente ao apontar a varinha para uma parte diferente do corpo de Harry de cada vez, aparentemente tentando se decidir *onde doeria mais*. – *Ele nunca soube que mandei Dementadores⁶¹ atrás de Potter no verão passado, mas ainda assim ficou encantado de ter a oportunidade de expulsá-lo⁶².*
 [...]

 – *Alguém tinha de agir* – sussurrou Umbridge, a varinha apontada diretamente para a testa de Harry.
 – Estavam todos se queixando que queriam silenciá-lo, desacreditá-lo, mas *eu fui a pessoa que realmente fez alguma coisa...* mas você conseguiu se livrar, não foi, Potter? *Mas não hoje, nem agora.*

(ROWLING, 2003, p. 458) (Grifos meus).

Mais uma vez, a vilã quer passar por cima do bom senso para poder atingir seu objetivo. Faria (2012) argumenta:

O vilão representa um mal hedonista e descontrolado, muito além de qualquer código ou ética moralmente aceitos. As ações amorais do personagem transformam-se em atos maléficis e violentos dignos de pesadelo. (FARIA, 2012, p. 231).

Até mesmo o Ministro da Magia é manipulado para que ela aumente seu poder. Dentro da classificação de vilãs que Cowden (2003 – 2011) nos traz, esta bruxa se encaixa na “Vilã Megera”, que é alguém que mente e engana quem quer que seja para chegar ao topo, não se importando com as feridas que deixa pelo caminho. Ela não ajuda ninguém além dela mesma. Mais uma vez notamos a semelhança com Lestrage, apesar de Umbridge não ceder às artes das trevas, ela tem prazer em causar dor aos outros.

É a partir deste episódio que a bruxa chega ao seu fim. Convencida por Hermione que os alunos esconderam uma arma na floresta da escola, Umbridge começa a busca, mas se

⁵⁹ Mesmo que Maldição Crucio.

⁶⁰ Ministro da Magia.

⁶¹ Criaturas mágicas que sugam a alma dos bruxos, são utilizados como guardas de Azkaban e como carrascos.

⁶² Os dementadores vão atrás de Harry no período das férias, forçando o garoto a usar feitiços defensivos. Os alunos menores de idade não podem fazer magia fora da escola, a pena é a expulsão de Hogwarts.

depara com um grupo de centauros⁶³. Ela os insulta e os ameaça. Centauros não temem humanos e são resistentes à feitiços. Foi o que bastou para ela ser carregada floresta adentro pelo grupo. Suas últimas falas no livro são:

– Nããããã! – ele ouviu Umbridge gritar. – Nããããã... *sou subsecretária sênior...* vocês não podem: *me larguem, seus animais...* nããããã!

(ROWLING, 2003, p. 463. Grifos meus).

Mesmo diante de uma situação de perigo, Dolores segue com o discurso preconceituoso e orgulhoso. Sobre o orgulho vilanesco Faria (2012) argumenta:

Por muitas vezes orgulhoso, representa tudo aquilo de imoral, se coloca acima das leis e códigos éticos dos homens com fins de benefício próprio. Podendo ser aquele que não segue a conduta moral, ou de um caráter mítico-mágico simplesmente mau, o vilão é aquilo que “não se deve” ser. (FARIA, 2012, p. 160).

Ela é resgatada e sai à francesa da ala hospitalar da escola. Volta a trabalhar apenas no Ministério da Magia. Sua punição não é tão grave quanto a de Belatriz, e vemos aqui uma das principais características da vilã megera, ela engana tanto e tão bem que se safa de qualquer castigo.

⁶³ Rowling traz centauros como seres mágicos (puros) muito sábios e profundos. Vivem isolados, evitando contato com humanos.

4. O ESPEHO DE OJESED – QUE TIPO DE REPRESENTAÇÃO ANSIAMOS NA LITERATURA INFANTOJUVENIL?

Deixando de lado o binarismo homem X mulher, Rowling traz para a Literatura Infantojuvenil um vasto leque de representações do feminino; a autora não se ocupa em mostrar a feminilidade das personagens, mas as várias formas desta representação, do ser mulher, no sentido de que as personagens rompem com estereótipos femininos e também com o estereótipo de bruxa tão impregnado neste gênero literário. Esta representação não está sob a ótica patriarcal, por estarem em uma sociedade fictícia, criada por uma mulher, as personagens femininas têm uma circulação sem os impedimentos do patriarcado que tanto acorrentam as possibilidades do ser mulher. Sendo assim, baseio-me em Argüelo (2014), que argumenta:

[...] a literatura pode ser um importante artefato para problematizar as relações de poder entre homens e mulheres, e principalmente para desconstruir aqueles mecanismos sutis que a cultura usa na produção e legitimação das masculinidades e das feminilidades. (ARGÜELLO, 2014, p. 121)

Através da literatura podemos buscar referências na representação positiva de mulheres, pois esta traz modelos diversificados a serem seguidos e que inspiram leitores e leitoras, além de ter o poder de desconstruir e questionar costumes sociais atrasados e perigosos⁶⁴. Evidentemente este é um processo lento e a literatura não é o único meio de problematização de tais costumes, mas é um importante e necessário instrumento, pois

A literatura é um veículo de linguagem, em que se realizam exercícios de poder ao atribuir sentido e significado. Com isso, ela contribui na fabricação de identidades, posicionando os sujeitos em diferentes e desiguais lugares sociais. Dessa forma, é importante destacar o quanto a literatura infantojuvenil exerce uma função produtiva nas representações de identidades culturais que circulam entre crianças e jovens. (ARGÜELO, 2014, p. 110)

Nesse mesmo sentido, Argüelo (2014) explica que:

A literatura tem sido um importante artefato cultural na fabricação das identidades de gênero. [...] Todo um sistema de valores e todo um regime de leis que governam os comportamentos de gênero são observados em diversas obras literárias, e muitos são os exemplos encontrados por estudiosas feministas sobre como a literatura

⁶⁴ Perigosos como homofobia e intolerância religiosa.

representa de modo diferente e desigual homens e mulheres. (ARGÜELO, 2014, p. 100)

As quatro bruxas analisadas neste Trabalho de Conclusão de Curso exercem papéis que muitas vezes não são atribuídos a personagens femininas. Elas saem da periferia da trama e exercem papéis de protagonismo. Podemos conferir, nas diferentes representações femininas presentes na obra Harry Potter, incluindo as aqui analisadas, que essas mulheres não precisam de ajuda ou auxílio e não são sabotadas pelos homens daquela sociedade. Temos a líder Hermione, falando ao personagem principal o que deve ser feito, não por ela ser manipuladora, mas por ter o melhor plano e também por sua sensatez, contando com a absoluta confiança de Harry Potter. Vemos na jovem bruxa um traço muito marcado como masculino: o raciocínio estratégico, o pensar à frente. Granger mostra aos leitores, independentemente de gênero, que as mulheres são inteligentes, aplicadas e que seus planos dão certo.

Molly talvez seja a personagem com mais representações estereotipadas do feminino de nossa sociedade: a dona de casa, mãe protetora, mas que abandona o lar e leva os filhos para a maior batalha da obra. Surpreende a todos ao perseguir e exterminar sua antagonista sem pestanejar. Não foi o marido ou um dos filhos (homens) mais velhos, eles nem são mencionados nesta sequência. Ela é uma mãe em busca de justiça pela morte de um filho, sentenciando à morte quem lhe fez o mal. O assassinato de vilões nas histórias infantis e juvenis é relativamente comum, principalmente nos clássicos contos de fadas, mas não é a heroína/mocinha quem o comete, geralmente este papel é relegado a um ajudante, alguém no lugar do masculino, como o caçador de Chapeuzinho Vermelho.

As vilãs analisadas possuem alguns traços em comum: as duas demonstram prazer em torturar suas vítimas, contudo não há como confundir Belatriz e Dolores. A primeira serve ao mal, tendo em um homem a principal figura em seu meio social, a quem a bruxa idolatra e venera, não por ele ser um homem mas por ele representar tudo o que ela deseja para a sociedade bruxa. Ainda assim, ela exerce uma posição de liderança entre os seus colegas Comensais da Morte – todos se reportam a ela durante suas missões maléficas, é ela quem decide o que será feito com os prisioneiros, quem os interroga e determina se viverão ou não. Assim como Hermione, ela exerce um papel de liderança, mas em oposto à heroína, Belatriz o faz com seu perfil de “vilã lunática”, desequilibrada, as pessoas a sua volta a obedecem por medo e não por ela ter o melhor plano, assim como acontece com tantos vilões masculinos.

Dolores apresenta um traço comum da bruxa tradicional, ela é solitária. Planeja sua ascensão sozinha e para isso manipula pessoas e informações, sempre disfarçando bem suas

intenções e passando a falsa impressão de ser ingênua e bem-intencionada, através de sua aparência inofensiva. Esta sede por poder, tão comum em personagens masculinas, é representada impecavelmente por esta bruxa.

A representação do feminino neste Trabalho de Conclusão de Curso não busca trazer o protagonismo sob uma única ótica: o exemplo positivo para jovens leitores; mas sim elucidar as várias formas de ser mulher, e que as mulheres também estão sujeitas a serem más, podendo até sentir prazer em serem como são. Se no papel destas duas vilãs houvesse dois homens, não seria necessário mudar muita coisa em seus perfis psicológicos. Dentro de seus modos de ser, seja escancarado como Belatriz ou reverberado pelo cinismo como Dolores, elas são sádicas, preconceituosas e muito malvadas.

As mulheres ainda podem ter aparência delicada (Fleur Delacour), podem ser prendadas (Molly Weasley) ou doces (Luna Lovegood⁶⁵), não há problemas em termos essas representações veiculadas nos livros literários. O problema surge quando este comportamento é fruto de uma modelação, e esta corresponder ao único jeito de ser mulher, como apontam Siebert e Silva (1995):

Aí chegamos a um dos núcleos da questão que imbricam mulher, corpo e sociedade, porque a mulher sempre é treinada, condicionada, moldada para assumir a culpa, induzida ao masoquismo, convocada para assumir os pudores protagonistas para o papel de eterna vítima, convidada a sofrer em silêncio suas penas, dúvidas, angústias e incertezas. (SIEBERT, SILVA, 1995, p. 117)

O objetivo deste Trabalho de Conclusão de Curso foi analisar as representações do feminino a partir de quatro personagens selecionadas da obra Harry Potter. Foram selecionados trechos dos livros onde estas mulheres tinham passagem ou fala de destaque. Os conceitos teóricos abordados neste estudo estão embasados nos Estudos Culturais, servindo de ponto de partida e referência para estudos de literatura, gênero e representação, explorados no presente texto.

As análises mostraram que é possível encontrar protagonismo feminino e pluralidade nos jeitos de ser mulher na Literatura Infantojuvenil contemporânea. Mostram, também, uma certa liberdade no sentido de que a circulação dessas mulheres, em sua sociedade, não é aparada, proibida ou sabotada pela figura masculina. A obra de Rowling ainda representa uma exceção neste universo tão impregnado historicamente pelo patriarcado, mas nos mostra que quando uma mulher toma as rédeas, ela pode, consegue e sabe como quer se enxergar, assim

⁶⁵ Luna Lovegood é uma estudante de Hogwarts que veste roupas meigas e coloridas, acredita em astrologia, tem o perfil da adolescente excêntrica. Ela participa de várias frentes de resistência do bem contra o mal.

como no Espelho de Ojesed. A finalização do Trabalho de Conclusão de Curso não finaliza a pesquisa, que é potente e necessária no auxílio do movimento que busca trazer um olhar positivado do feminino⁶⁶.

⁶⁶ Uma possibilidade de continuidade desta pesquisa é através do aprofundamento das análises das personagens a partir da formação de grupos focais para ouvir leitores e leitoras e suas impressões sobre as representações de feminino veiculadas na obra.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil – gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1989.

ANDRÉ, Marli. Pesquisa em educação: buscando rigor e qualidade. **Cad. Pesqui.** [online]. n.113, pp.51-64, 2001.

ARGÜELO, Sandra. Contos a favor da equidade de gênero. In: BECK, Dinah Quesada; FELIPE, Jane; GUIZZO, Bianca Salazar (orgs.). **Infâncias, gênero e sexualidade – nas tramas da cultura e educação**. Canoas: Ulbra, 2014.

BAUMAN, Zygmunt. **O mal – estar da pós – modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política – ensaios sobre a literatura e história da cultura – obras escolhidas vol. 1**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BETTELHEIN, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. 21 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

BRENNAN, Ilan. **A condenação de Emília – o politicamente correto na literatura infantil**. Belo Horizonte: Aletria, 2013.

CALADO, Elaine. **O encatamento da bruxa – o mal nos contos de fadas**. João Pessoa: Ideia, 2005.

CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. São Paulo: Pensamento, 2007.

_____. **O poder do mito**. 32 ed. São Paulo: Palas Athena Editora, 2017.

CORSO, Diana Lichtenstein; CORSO, Mário. **Fadas no divã – psicanálise nas histórias infantis**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

COSTA, Marisa Vorraber; Rosa Hessel, SILVEIRA; Luis Henrique, SOMMER. estudos cultural, educação e pedagogia. **Rev. Bras. Educ.**[online]. n.23, pp.36-6, 2003.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. Estudos culturais: uma introdução. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.). **O que é, afinal, estudos culturais?** 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

ESTÉS, Clarice Pínkola. **Mulheres que correm com lobos – mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem**. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.

FARIA, Mônica Lima de, 2012. **Imagem e imaginário dos vilões contemporâneos - O vilão como representação do mal nos quadrinhos, cinema e games**. PUCRS. Porto Alegre, RS, Brasil.

FORMAN, Gayle. Prefácio. In: PHELPS, Ethel Johnston. **Chapeuzinho esfarrapado e outros contos feministas do folclore mundial**. São Paulo: Editora Seguinte, 2016.

GAMBA, Janaína dos Santos, 2014. **Cara de vilão: Aspectos complexos na construção do personagem-tipo do vilão em filmes de horror**. PUCRS. Porto Alegre, RS, Brasil.

GRIMM, Jacob; GRIMM, Wilhelm. **Contos maravilhosos infantis e domésticos {1812 – 1815}**. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

HALL, Stuart. **A identidade cultural da pós-modernidade**. 12 ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

HUECK, Karin. **O lado sombrio dos contos de fadas – as origens sangrentas das histórias infantis**. São Paulo: Abril, 2016.

HUNT, Peter. **Crítica, teoria e literatura infantil**. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

JOHNSON, Richard. O que é, afinal, estudos culturais? In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.). **O que é, afinal, estudos culturais?** 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

KAERCHER, Gládis Elise Pereira da Silva, 2006. **O mundo na caixa: gênero e raça no Programa Nacional Biblioteca na Escola – 1999**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Faculdade de Educação. Porto Alegre, RS, Brasil.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação – uma perspectiva pós – estruturalista**. 13ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

MENDES, Mariza B. T.. **Em busca do contos perdidos – o significado das funções femininas nos contos de Perrault**. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

PERRAULT, Charles. **Contos de Perrault**. 4 ed. Belo Horizonte: Villa Rica, 1994.

ROWLING, J.K. **Harry Potter e a pedra filosofal**. Rocco: Rio de Janeiro, 2000.

_____. **Harry Potter e a câmara secreta**. Rocco: Rio de Janeiro, 2000.

_____. **Harry Potter e o prisioneiro de azkaban**. Rocco: Rio de Janeiro, 2000.

_____. **Harry Potter e o cálice de fogo**. Rocco: Rio de Janeiro, 2001.

_____. **Harry Potter e a ordem da fênix**. Rocco: Rio de Janeiro, 2003.

_____. **Harry Potter e o enigma príncipe**. Rocco: Rio de Janeiro, 2005.

_____. **Harry Potter e as relíquias da morte**. Rocco: Rio de Janeiro, 2007.

SCRAMIN, Susana. In: SILVEIRA, Rosa Maria Hessel (org.). **Cultura, poder e educação – um debate sobre estudos culturais em educação**. 2 ed. Canoas: Editora da Ulbra, 2011.

SIEBERT, Raquel Stella de Sá; SILVA, Maritza Maffei In: ROMERO, Elaine (org.). **Corpo, mulher e sociedade**. Campinas: Papyrus, 1995.

SILVEIRA, Rosa Maria Hessel (org.). **Cultura, poder e educação – um debate sobre estudos culturais em educação**. 2 ed. Canoas: Editora Ulbra, 2011.

SCHWANTES, Cíntia. Dilemas da representação feminina. **OPIS** – Revista do NIESC. Catalão, v. 6, n. 1, 2006. Disponível em: <<https://revistas.ufg.br/Opsis/article/view/9308/6400#.WzJK-dJKi00>>. Acesso em 20/05/2018.

VOGLER, Christopher. **A jornada do escritor – estruturas míticas para o escritor**. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

WINCKIEWICZ, Maiury. 2017. **A jornada do herói e a representação de gênero nos filmes do universo star wars: uma análise dos casos de Luke e Rey**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS, Brasil.